

**USCS - UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL**

**Pró Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa**

**Programa de Pós-Graduação em Administração - Mestrado**

**IVAN PEGORETTI**

**O PERFIL DOS EMPRESÁRIOS ATUANTES EM  
COMUNIDADES DE BAIXA RENDA**

São Caetano do Sul

2013

IVAN PEGORETTI

**O PERFIL DOS EMPRESÁRIOS ATUANTES EM  
COMUNIDADES DE BAIXA RENDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração - Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Administração, junto à Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Área de Concentração: Gestão da Regionalidade e das Organizações. Orientador: Prof. Dr. Laércio Baptista da Silva.

São Caetano do Sul

2013

IVAN PEGORETTI

## **O PERFIL DOS EMPRESÁRIOS ATUANTES EM COMUNIDADES DE BAIXA RENDA**

Reitor: Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Carmo Romeiro

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Administração – Mestrado:  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Raquel da Silva Pereira

Data da defesa: 19 de abril de 2013.

Resultado: Aprovado

### **BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Flávio Hourneaux Junior  
Universidade Paulista – *UNIP*

---

Prof. Dr. Laércio Baptista da Silva  
Universidade Municipal de São Caetano do Sul – *USCS*

---

Prof. Dr. Luis Paulo Bresciani  
Universidade Municipal de São Caetano do Sul - *USCS*

---

Área de Concentração: Gestão da Regionalidade e das Organizações  
Linha de Pesquisa: Gestão e Inovação Organizacional

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha doce e amada esposa Mara Cristina, dona de um companheirismo inabalável, que me apoiou incondicionalmente durante o período dos meus estudos e nos meus momentos de pior humor;

Aos meus pais que sempre me mantiveram na senda do bem, mostrando-me que sabedoria é muito diferente de conhecimento e que as melhores coisas da vida estão nos detalhes e nas coisas mais simples.

## AGRADECIMENTOS

Ao **Grande Arquiteto do Universo** que me sustentou e proveu ao longo da minha breve existência terrena e me mostra todos os dias que nossa passagem por este mundo é algo muito breve. Nossas histórias não começam, nem tampouco terminam aqui;

À Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS, que me proporcionou mais uma oportunidade de crescimento e aperfeiçoamento;

Ao professor Laércio Baptista da Silva pela paciência, apoio e dedicação, sem o qual, este trabalho não teria bom êxito;

Aos professores Leandro Campi Prearo, Flávio Hourneaux Junior, Luis Paulo Bresciani, Roseli Dias Ortigoso e Wilson Aparecido Costa de Amorim pelas valorosas contribuições;

À Sra. Marlene Forestieri de Melo;

À Sra. Rita de Cassia Scarpini;

Aos colegas Carlos Teixeira (“Carioca”), Catarina “Catita” Bitar; Eduardo Luis de Queiroz, Fernando Henrique Rossini, Giane Teixeira Gomes, Leandro de Carvalho (“Quaiada”), Luciano Sant’Anna (“O Mito”) e Valter Mazini pelo companheirismo e inesgotável bom humor;

Às amigas Rossana Carla, Catea Cássia e Mirian Cuchiaro;

E a todos meus outros colegas, professores e mestres (de dentro ou fora dos muros das escolas).

“[...] O dinheiro tira o homem da miséria, mas não pode arrancar de dentro dele a favela...”

***Racionais MCs - Nego Drama***

## RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo geral descrever as características socioculturais e econômicas dos empresários atuantes em comunidades de baixa renda no Brasil. Compuseram-se como objetivos específicos: a-) comparar este perfil ao de empresários em nível nacional, conforme relatório do *Global Entrepreneurship Monitor – GEM* em sua versão 2011; b-) captar opiniões dos empresários atuantes em uma favela. Constituiu-se como problema de pesquisa a pergunta: *Qual é o atual perfil dos empresários atuantes em Comunidades de Baixa Renda?* A amostragem configurou-se como não-probabilística, por tipicidade (ou intencional), sendo determinada a Comunidade de Vila São Pedro, no município de São Bernardo do Campo, São Paulo e seus empresários como a amostra deste trabalho. Optou-se pelo método indutivo, de caráter observacional, através de um levantamento (*survey*), utilizando-se um formulário composto de trinta questões, cuja validação deu-se através da aplicação de pré-teste. Os formulários foram aplicados entre os dias 27/10 e 10/11 de 2012. Os dados foram planilhados inicialmente pelo software Excel e submetidos *a posteriori* a tratamento estatístico pelo “*Statistical Package for the Social Sciences*” – SPSS. O resultado detectou o seguinte perfil para os empresários da comunidade: ele é comerciante formal, brasileiro, do sexo masculino, com idade entre 25 e 34 anos, casado, paulista, morador na comunidade, tendo estudado até o ensino médio, com uma renda maior que seis salários mínimos, tendo iniciado o negócio por oportunidade, com seus próprios recursos. Possui experiência entre três e seis anos como empresário, paga previdência social e capta recursos em bancos quando necessita. Não deixaria de ser empresário, mas nunca realizou cursos de aperfeiçoamento, nem utilizou os serviços do SEBRAE. Acredita que os estudos ajudam no negócio, mas valoriza mais a prática do dia a dia. Em comparação ao GEM, constatou-se na amostra da comunidade, uma leve predominância masculina, com faixa etária até 34 anos, com maior nível de escolaridade e renda.

**PALAVRAS CHAVE:** Empreendedores. Empresas. Empresários. Favelas.

## ABSTRACT

This dissertation has as general purpose to describe the sociocultural and economic characteristics of the entrepreneurs that act in low income communities in Brazil. It was an specific target were composed of: a-) compare this profile to national level entrepreneurs, according to the report *Global Entrepreneurship Monitor – GEM* in your 2011 version; b-) pick opinions up from entrepreneurs that act in slums. The question: *What's the current profile of the entrepreneurs that act in a low income community?* was the survey problem. The sample was configurated as non-probabilistic, by typicality (or intentional), being determined the Vila São Pedro Community, at the city of São Bernardo do Campo, São Paulo and their entrepreneurs the sample of this job. It was choosen of inductive method, with observational character, through a survey using a form composed of thirty questions, which validation was gained through pre-test application. The forms were applied between Oct.27th and Nov.10th, 2012. The data were entered initially Excel software and afterwards submitted to statistical treatment by the “*Statistical Package for the Social Sciences*” – SPSS. The result detected the following profile for the community entrepreneurs: He is formal merchant, brazilian, male, with age between 25 and 34, married, from São Paulo State, lives in the community, have studied until mid school, with an income higher than six brazilian minimal income value, having initiated the business by opportunity, with his own resources. He has between three and six years experience as an entrepreneur, pays social previdence and pick resources up in banks when necessary. It would not leave being an entrepreneur, but they never made improvement courses, neither gained the SEBRAE services. Believes that study helps the business, but gives more value to the daily practice. In comparison to GEM, it was noted in the community sample a male predominance, with age until 34 years, with higher schooling and income levels.

**KEYWORDS:** Entrepreneurs. Companies. Businessmen. Slums.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceitos de “ <i>Favela</i> ” .....	21
Quadro 2 – Estimativa da distribuição das empresas européias, conforme porte .....	36
Quadro 3 – Classificações internacionais sobre micro e pequenas empresas .....	38
Quadro 4 – Classificações das micro e pequenas empresas - Brasil .....	42
Quadro 5 – O Empreendedor e o Empreendedorismo.....	51
Quadro 6 – Adequação das Provas Estatísticas Não-Paramétricas .....	58
Quadro 7 – Relação dos endereços da Vila São Pedro – São Bernardo do Campo – SP... 60	
Quadro 8 – Distribuição dos Tipos de Empresas - Vila São Pedro .....	62
Quadro 9 – Resumo do Perfil dos Empresários da Comunidade .....	75
Quadro 10 – Resumo das Opiniões dos Empresários - Vila São Pedro .....	76
Quadro 11 – Teste Mann-Whitney – Gênero .....	78
Quadro 12 – Teste Kruskall-Wallis – Idade .....	78
Quadro 13 – Teste Kruskall-Wallis – Escolaridade .....	79
Quadro 14 – Teste Kruskall-Wallis – Renda .....	79

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto: Vista geral atual da Vila São Pedro .....	23
Figura 2 – Foto: Integrantes da ocupação inicial .....	24
Figura 3 – Foto: Antiga Igreja São José .....	25
Figura 4 – Mapa: Vista aérea da região da Comunidade de Vila São Pedro .....	26
Figura 5 – Foto: Vista da comunidade .....	26
Figura 6 – Foto: Detalhe de um muro na comunidade .....	27
Figura 7 – Foto: Rua do Oleoduto – playground sobre a tubulação da Petrobrás .....	27
Figura 8 – Foto: Vista da comunidade. Perspectiva da Rua do Oleoduto .....	28
Figura 9 – Foto: Associação de Moradores .....	28
Figura 10 – Foto: Vista pela Avenida Luis Pequini .....	29
Figura 11 – Foto: Entrada da comunidade de Vila São Pedro .....	29
Figura 12 – Foto: Início da Rua Dom Pedro de Alcântara .....	30
Figura 13 – Foto: Vista atual da Comunidade de Vila São Pedro .....	31
Figura 14 – Mapa: Região da Vila São Pedro .....	61
Figura 15 – Gráfico: Participação Percentual conforme Faixa Etária – Vila São Pedro....	63
Figura 16 – Gráfico: Percentual das Faixas Etárias - GEM 2011 x Vila São Pedro .....	64
Figura 17 – Gráfico: Escolaridade - Vila São Pedro .....	65
Figura 18 – Gráfico: Níveis de Escolaridade - GEM 2011 x Vila São Pedro .....	66
Figura 19 – Gráfico: Empreendedores por Oportunidade - GEM 2011 x Vila São Pedro .	68
Figura 20 – Gráfico: Investimento Inicial - Vila São Pedro.....	69
Figura 21 – Gráfico: Renda dos Empresários – Vila São Pedro .....	71
Figura 22 – Gráfico: Renda dos Empresários – GEM 2011 x Vila São Pedro.....	72
Figura 23 – Gráfico: Período que atua como Empresário – Vila São Pedro .....	74
Figura 24 – Gráfico: Empregados com Registro em Carteira – Vila São Pedro .....	75
Figura 25 – Foto: Atendendo novos consumidores .....	82

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	14
<b>2.1 – Favela: A história e seus conceitos</b> .....	14
2.1.1 – Vila São Pedro: O contexto .....	23
<b>2.2 – Micro e pequenas empresas - EUA, UE, Japão e Brasil</b> .....	34
2.2.1 – Micro e pequenas empresas norte-americanas .....	34
2.2.2 – Micro e pequenas empresas européias .....	35
2.2.3 – Micro e pequenas empresas japonesas .....	37
2.2.4 – Micro e pequenas empresas brasileiras .....	39
<b>2.3 – O desenvolvimento local e a Economia Popular</b> .....	43
<b>2.4 - Empresário, empreendedor e o empreendedorismo</b> .....	45
<b>2.5 – Características do empreendedor brasileiro conforme o <i>GEM 2011</i></b> .....	52
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	54
<b>3.1 – Definições Operacionais</b> .....	59
<b>4. RESULTADOS E ANÁLISE</b> .....	62
<b>4.1 – O perfil do empresário: Vila x GEM 2011</b> .....	63
<b>4.2 – Os empresários da Vila e suas opiniões</b> .....	76
<b>4.3 – O cruzamento de dados e os testes estatísticos</b> .....	78
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	81
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	84
<b>7. APÊNDICE</b> .....	89

## 1. INTRODUÇÃO

Favela. Para alguns, ícone da violência, pobreza e da falência do Estado no trato de cidadãos menos favorecidos. Para outros apenas um lar. Conforme informações da Organização das Nações Unidas (2003), mais de trinta e dois por cento da população urbana mundial mora em favelas, representando quase um bilhão de pessoas que habitam áreas degradadas.

Ao seu tempo, o ex-professor da *University of Michigan*, o indiano C. K. Prahalad, falecido em 2010, em seu artigo originalmente intitulado *The Fortune at the Bottom of the Pyramid*, transformado posteriormente em um livro homônimo, relata que mais de quatro bilhões de pessoas ao redor do mundo vivem diariamente com menos de US\$ 2.00 (PRAHALAD, 2005).

Existe, conforme dita o senso comum, uma forte ligação entre o que se denomina popularmente de *favela* e a pobreza, mas ao se verificar mais de perto uma comunidade de baixa renda, percebe-se a existência um paradoxo: de um lado a pobreza, violência e a falta de infraestrutura; e de outro, o crescimento a olhos vistos dos negócios e empresas que estão ali instalados.

Mas quem ou o quê está por trás da multiplicação e desenvolvimento destes empreendimentos? Qual é a descrição socioeconômica dos empresários que se dispuseram a empreender em um local tão improvável quanto uma favela? São agentes endógenos ou exógenos à comunidade? Quais são suas percepções acerca de seu negócio? Para tanto, constituiu-se como problema de pesquisa: **Qual é o atual perfil dos empresários atuantes em Comunidades de Baixa Renda?**

Há tempos a academia tem se preocupado com o assunto *favela*. Por sua vez, a abordagem normalmente dada é sob o ponto de vista social e antropológico. Valladares (2000) afirma que gerações de pesquisadores se renovam, criando levadas de “especialistas” no assunto, produzindo-se e reproduzindo-se vasta literatura sobre a pobreza no Rio de Janeiro e no Brasil. Todavia, não há maiores informações acerca do perfil do empresário que atua em comunidades deste tipo.

Por conseguinte, levantar, observar e analisar suas características é algo novo que pode repercutir positivamente junto às milhares de comunidades de baixa renda, mostrando modelos e perfis de pessoas comuns, que se tornaram casos de sucesso, suscitando outros moradores a criarem seus próprios negócios.

Assim, tornou-se o objetivo geral da pesquisa **descrever as características socioculturais e econômicas dos empresários atuantes em comunidades de baixa renda no Brasil**. Em um segundo momento compuseram-se como objetivos específicos: a-) comparar o perfil dos empresários da comunidade aos de empresários em nível nacional, conforme relatório do *Global Entrepreneurship Monitor* em sua versão 2011; b-) captar opiniões do empresário atuante em uma favela. Foi escolhida, a título de amostra, a comunidade de Vila São Pedro, no município de São Bernardo do Campo, no Estado de São Paulo.

A razão da escolha dessa comunidade decorre do grande número de empresas localizadas ao longo de sua avenida principal e proximidades, com grande diversificação no que se refere à prestação de serviços e comércio varejista. Uma atividade empresarial local que escapa aos olhos daqueles que não conhecem esse universo mais de perto. Também desprezada por outros que acreditam que as empresas nas favelas se restrinjam apenas a biroskas para venda de bebidas alcoólicas.

A partir do presente estudo, pode-se despertar o interesse de empreendedores em inserir seus negócios nas comunidades, um lugar visto equivocadamente pela maioria das pessoas como inusitado. “*Favela, lugar de gente pobre*” pode ser um riquíssimo nicho de mercado ainda pouco explorado.

É necessário a partir desse momento, abster-se do olhar preconceituoso, indevidamente favorecido e incentivado pelos meios de comunicação. Enxergar as pessoas da comunidade como elas efetivamente são: não mais crer, unicamente com base em opiniões pasteurizadas, que a *favela* é lugar exclusivo de pessoas de má índole, reduto de desordeiros e marginais, valhacouto dos social e economicamente excluídos. Despir-se de velhos preconceitos e tentar enxergar nas comunidades um horizonte de oportunidades, favorecendo o nascimento de novas empresas, novos negócios e, por que não dizer, de milhares de novos postos de trabalho.

Obviamente que não se deve aceitar isso como uma panacéia aos problemas sociais. Para uma questão dessa importância e envergadura, não existem soluções mágicas. Todavia, o incentivo aos micro e pequenos negócios pode ser uma alternativa digna aos inúmeros brasileiros dependentes dos programas sociais criados pelo Estado, potencializando a transformação de cidadãos marginalizados e oprimidos em empresários, capazes não somente de se sustentarem, atendendo apenas às suas necessidades básicas, mas serem verdadeiramente agentes multiplicadores na mudança do paradigma da pobreza.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 - *Favela*: A história e seus conceitos

“Favella” é o nome de uma espécie de arbusto (*enterolobium ellipticum*) bastante comum no Nordeste do Brasil. O nome foi aplicado ao morro que ficava próximo à cidade de Canudos (BA), coberto por este tipo de vegetação. Ex-combatentes da Guerra homônima (1896-1897), ao retornarem à capital federal, na cidade do Rio de Janeiro, solicitaram ao Ministério da Guerra autorização para se estabelecerem juntamente com suas famílias no Morro da Providência, passando a residir ali em condições precárias. Logo o Morro da Providência passou a ser chamado de Morro da Favela (ABREU, 1994; VALLADARES, 2008; KEHL, 2010).

Conforme o Dicionário Houaiss (2012) *favela* é o “conjunto de habitações populares que utilizam materiais improvisados em sua construção tosca, e onde residem pessoas de baixa renda”. Quando se utiliza o termo comunidade, da mesma forma, torna-se quase visível um local pobre e sem condições dignas de vida, onde impera a violência e a pobreza. Trata-se de um eufemismo para se tentar desconstruir o estereótipo, criando-se, dessa forma, um ‘mecanismo de defesa’ da própria comunidade (D’ÁVILA NETO, 2004). As *favelas* povoam o inconsciente coletivo de forma negativa. As pessoas procuram sublinhar as diferenças entre si mesmas e os moradores das comunidades, procurando escapar da pecha de “favelado” (ZALUAR; ALVITO, 2006).

O termo em inglês *slum* (favela) vem sendo utilizado desde 1820, para identificar os tipos de habitação mais pobres, expostas a condições degradantes e insalubres, sendo visto como refúgio para a marginalidade, ambiente ideal para acolher o crime e o tráfico de drogas. O antônimo materializado de um lugar apazível para se viver. (ONU, 2007).

Godinho (1955) ensina que *favela* é um ajuntamento de habitações construídas precariamente, em locais alheios, sem condições de higiene, onde moram pessoas marginalizadas à convivência humano-social, que apresentam os mais diversos tipos de desajustes. *Slums*, favelas, *barrios*, *shanty-towns*, *villas-miseria* ou *musseques*, são nomes dados ao mesmo fenômeno presente em grande parte do planeta e tiveram seu número aumentado consideravelmente a partir do século XIX (KEHL, 2010).

Santos (1982) afirma que por trás da diversidade de nomes (*Villas miseria* na Argentina, *Quebradas* na Venezuela, *Barreadas* no Peru, *Barrios Clandestinos* na Colômbia, *Callampas* no Chile e os *Jacales* no México) a realidade social é sempre a mesma.

Zaluar; Alvito (2006) consideram que a favela ficou oficialmente conhecida como locais irregularmente construídos, sem infraestrutura (arruamentos, luz, água e esgoto). Valladares (2008) infere que a comunidade é o ponto divisional entre a cidade formal e a população que se sobrevive nas encostas dos morros. A favela passa a ser encarada apenas como o “outro lado da cidade”, denotando-se o choque entre a cidade legal e a ilegalidade, entre o morro e o asfalto.

Por outro prisma, bucolicamente visto pelos intelectuais e poetas, a favela é um ambiente em que a amizade e o contato humano permeiam a vida de seus moradores:

É aquela formada pela história das pessoas que nela vivem, pela estrutura da sociedade feita de relações de parentesco, amizade confiança e origem, pela ancestralidade da presença das comadres e das lideranças, pelo modo como o casario se mistura sem ordem aparente, acompanhando os caminhos antigos que levam à fonte ou à montanha, pela maneira que os quintais se amoldam ao terreno e às necessidades de cada um, às tensões das relações sociais, ao alívio das vizinhanças. (KEHL, 2010, p.7).

Do *Favelário Nacional*, de Carlos Drummond de Andrade, passando pela *Saudosa Maloca* do inesquecível Adoniran Barbosa, interiorano de nascimento e paulistano de coração, chegando aos atuais samba, *funk* e *rap* dos morros cariocas. Estes são os contornos que habitam o imaginário das pessoas. A noção popular, o senso comum, acerca das favelas pode ser um tanto equivocado, pois se baseia apenas em impressões superficiais (LAKATOS; MARCONI, 2008). Valladares (2008) exara que as favelas são tidas como um fenômeno caracteristicamente urbano, sendo reputadas na primeira metade do século XX, como um mundo rural inserido no contexto das cidades.

Os cortiços foram os precursores das favelas no Rio de Janeiro. Grandes casarões abrigavam várias famílias amontoadas, que pagavam aluguel pelo seu diminuto espaço. De 1850 a 1870 aproximadamente 50% da população carioca residia em cortiços. (CAMPOS, 2004). Durante o século XIX foi esta a moradia tanto para marginais quanto para trabalhadores, sendo esta percebida pela sociedade como um ninho de mazelas, como também um disseminador de doenças. (VALLADARES, 2008).

Kehl (2010) referencia o escritor Aluisio de Azevedo, em sua obra *O Cortiço*, de 1890, em que este retrata de forma contundente o sentimento elitista da sociedade do Rio de Janeiro em relação a este tipo de moradia popular. O autor, ícone do Movimento Naturalista brasileiro, descreve em seu livro, a nova morada da personagem “*Pombinha*”, no cortiço “*Cabeça-de-Gato*”:

[...] como se todo o seu ideal fosse conservar inalterável para sempre o verdadeiro tipo da estalagem fluminense, a legítima, a legendária; aquela em que há um samba e um rolo por noite; aquela em que se matam homens sem a polícia descobrir os assassinos; viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem misturados com as irmãs na mesma lama; paraíso de vermes, brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão [...] AZEVEDO (2009 *apud* KEHL, 2010, p.34)

De acordo com Sampaio (2007), de maneira análoga, na cidade de São Paulo, os cortiços e núcleos habitacionais precários, multiplicaram-se na última década do século XIX, em decorrência do aumento do déficit habitacional, resultante do desenvolvimento da cidade e de sua índole cosmopolita. Conforme Queiroz (2004), no ano de 1872 a cidade possuía 23.343 habitantes, atingindo em 1895 a marca de 130.000 habitantes, registrando um aumento de 457% num período de vinte e três anos (crescimento médio anual de 7,75%). Os cortiços eram destinados aos imigrantes europeus (principalmente aos portugueses, italianos e espanhóis). No ano de 1910, a cidade de São Paulo já contava com uma população de 375.000 habitantes.

Conforme Vaz (1986) o cortiço chamado “Cabeça de Porco”, desmantelado por Barata Ribeiro, prefeito da cidade do Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1893, possuía uma estrutura de habitações bastante parecidas com as identificadas *a posteriori* no Morro da Providência, na cidade do Rio de Janeiro. Valladares (2008) corrobora a tese entre a demolição dos cortiços no centro do Rio de Janeiro e a tomada desenfreada dos morros no início do século passado.

Em São Paulo, as primeiras favelas surgiram no período próximo ao final da Segunda Guerra Mundial, mas tornam-se mais “incômodas”, a partir da efetivação do processo de industrialização e do rápido crescimento urbano. Foram levadas para a zona periférica da cidade pelas linhas de trens que transportavam café até o Porto de Santos (RODRIGUES, 1988; SAMPAIO, 2003).

Tal qual na cidade do Rio de Janeiro, os cortiços eram considerados absolutamente insalubres pelas autoridades sanitárias. Como ensina Telarolli Junior (1996), as residências eram vistas como disseminadoras de doenças infecto-contagiosas. Na ocorrência de casos de febre amarela, o Serviço Sanitário recorria à sua desinfecção, ou promovia, até mesmo, a derrubada do imóvel.

Devido à amplitude do assunto e da dificuldade na criação uma definição única, uma equipe de especialistas da ONU, elaborou uma definição operacional para “favela”. Segundo esta, “favela” é uma área de habitação humana, que combina em maiores ou menores graus: dificuldade de acesso à água potável, saneamento básico e outros serviços públicos; Inadequação da estrutura das habitações; alto índice de densidade demográfica; insegurança residencial. (ONU, 2007).

Por sua vez, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conceitua “favela” como *“Aglomerado subnormal (favelas e similares) - Conjunto constituído por no mínimo 51 unidades habitacionais (barracos, casas etc.), ocupando – ou tendo ocupado – até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular); dispostas, em geral, de forma desordenada e densa; e carentes, em sua maioria, de serviços públicos e essenciais”* (IBGE, 2010).

A ONG brasileira **Observatório de Favelas** conceitua “favela”:

[...] Favela é um território constituinte da cidade, caracterizada em parte ou em sua totalidade, pelas seguintes referências:

- Insuficiência histórica de investimentos do Estado e do mercado formal, principalmente o imobiliário, financeiro e de serviços;
- Forte estigmatização sócio-espacial, especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade;
- Níveis elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho;
- Edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado;
- Apropriação social do território com uso predominante para fins de moradia;
- Indicadores educacionais, econômicos e ambientais abaixo da média do conjunto da cidade;
- Ocupação de sítios urbanos marcados por um alto grau de vulnerabilidade ambiental;
- Grau de soberania por parte do Estado inferior à média do conjunto da cidade;
- Alta densidade de habitações no território;
- Taxa de densidade demográfica acima da média do conjunto da cidade;
- Relações de vizinhança marcadas por intensa sociabilidade, com forte valorização dos espaços comuns como lugar de encontro;

- Alta concentração de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com a região brasileira;
- Grau de vitimização das pessoas, sobretudo a letal, acima da média da cidade[...] (OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS, 2011)

Já a Prefeitura do Município de São Paulo, através da Secretaria Municipal de Planejamento – SEMPLA e do Departamento de Estatística e Produção de Informação - DIPRO adota a seguinte definição desde 1972: “*aglomerados de moradias de reduzidas dimensões, construídas com materiais inadequados (madeira velha, zinco, latas e até papelão) distribuídos irregularmente em terrenos quase sempre desprovidos de serviços e de equipamentos urbanos e sociais, compondo um complexo de ordem social, econômica, sanitária, educacional e urbanística*” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2012).

Sampaio (2003) conceitua: “[...] *domicílio sem condições de segurança, com risco de desmoronamento, de inundação, de incêndio devido a ligações elétricas precárias, além do perigo de se contrair moléstias infecciosas decorrentes do acúmulo de lixo e de condições insatisfatórias de higiene*”.

Conforme Costa; Nascimento (2005), a maioria das prefeituras adota critérios de classificação de favelas bastante próximos aos do IBGE, sendo a falta da posse da terra e a ausência, em maior ou menor grau de infraestrutura básica os pontos centrais de tal classificação. Os autores corroboram a idéia que a construção de uma definição que abarque todos os sentidos e acepções da palavra “*favela*” é algo muito complexo, pelas inúmeras variáveis econômicas, sociais, geográficas e antropológicas, presentes à questão.

A favela torna-se, por conseguinte, um ícone deste multifacetamento teórico, assumindo formas e contornos bastante variáveis (COSTA; NASCIMENTO, 2005).

A busca de conceitos que tragam encerrados em si mesmos a idéia que circunscreve toda a amplitude do assunto permanece como um desafio à comunidade acadêmica. Após pesquisa junto à Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, por meio da Secretaria da

Habitação, constatou-se que não existe nenhuma descrição ou conceituação específica para a terminologia de “favela”, fato este, consonante ao detectado por Costa e Nascimento.

A UN-HABITAT (Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos), através do documento “*The Challenge of Slums: Global Report on Human Settlements 2003*” (Desafio das Favelas: Relatório Global dos Assentamentos Humanos), trouxe os resultados da primeira avaliação global das favelas realizada pela ONU, desde a adoção da “Declaração do Milênio”, em que os líderes mundiais se comprometeram até o ano de 2020 em melhorar consideravelmente a vida de, pelo menos, 100 milhões de pessoas que habitam áreas degradadas.

Ainda conforme o relatório, quase um bilhão de pessoas, mais de 32% da população mundial, vive em favelas (ONU, 2003). O processo de *favelização*, por meio de pesquisa realizada em vinte e nove países, é desencadeado e favorecido por quatro fatores básicos:

- migração do campo para as cidades;
- crescimento demográfico natural local;
- combinação da migração e do crescimento demográfico;
- deslocamento de pessoas devido a conflitos armados e à violência. (ONU, 2003).

Todavia, tornam-se perceptíveis dois pontos comuns, que alinhavam todas elas, em consonância ao que ensina Valladares (2008):

a-) a visão social distorcida da favela como nicho de pobreza e criminalidade, um reduto de cidadãos de segunda classe;

b-) processo de exclusão e marginalização de seus moradores.

### Quadro 1 – Conceitos de “Favela”

<b>Dicionário Houaiss (2012)</b>	“conjunto de habitações populares que utilizam materiais improvisados em sua construção tosca, e onde residem pessoas de baixa renda”.
<b>Godinho (1955)</b>	Ajuntamento de habitações construídas precariamente, em locais alheios, sem condições de higiene, onde moram pessoas marginalizadas à convivência humano-social.
<b>IBGE (2010)</b>	“Conjunto constituído por no mínimo 51 unidades habitacionais (barracos, casas etc.), ocupando – ou tendo ocupado – até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular); dispostas, em geral, de forma desordenada e densa; e carentes, em sua maioria, de serviços públicos e essenciais”.
<b>Observatório de Favelas (2012)</b>	“[...] Favela é um território constituinte da cidade, caracterizada em parte ou em sua totalidade, por referências como: falta de investimentos do Estado; estigmatização sócio-espacial, Níveis elevados de subemprego; Edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado, dentre outra...”
<b>ONU (2007)</b>	Área de habitação humana, que combina em maiores ou menores graus: dificuldade de acesso à água potável, saneamento básico e outros serviços públicos; Inadequação da estrutura das habitações; alto índice de densidade demográfica; insegurança residencial.
<b>Prefeitura Municipal de São Paulo (2012)</b>	“aglomerados de moradias de reduzidas dimensões, construídas com materiais inadequados (madeira velha, zinco, latas e até papelão) distribuídos irregularmente em terrenos quase sempre desprovidos de serviços e de equipamentos urbanos e sociais, compondo um complexo de ordem social, econômica, sanitária, educacional e urbanística”.
<b>Sampaio (2003)</b>	“domicílio sem condições de segurança, com risco de desmoronamento, de inundação, de incêndio devido a ligações elétricas precárias, além do perigo de se contrair moléstias infecciosas decorrentes do acúmulo de lixo e de condições insatisfatórias de higiene”.
<b>Valladares (2008)</b>	[...] o “outro lado da cidade”, denotando-se o choque entre a cidade legal e a ilegalidade, entre o morro e o asfalto.
<b>Zaluar; Alvito (2006)</b>	locais irregularmente construídos, sem infraestrutura (arrumamentos, luz, água e esgoto).

Fonte: O autor

A Vila São Pedro não é diferente do ponto de vista social e político das inúmeras outras comunidades de baixa renda espalhadas pelo Brasil. Traz muitas de suas desventuras e mazelas. Por outro lado, a atividade empresarial que movimenta a economia local, salta aos olhos de qualquer observador mais atento.

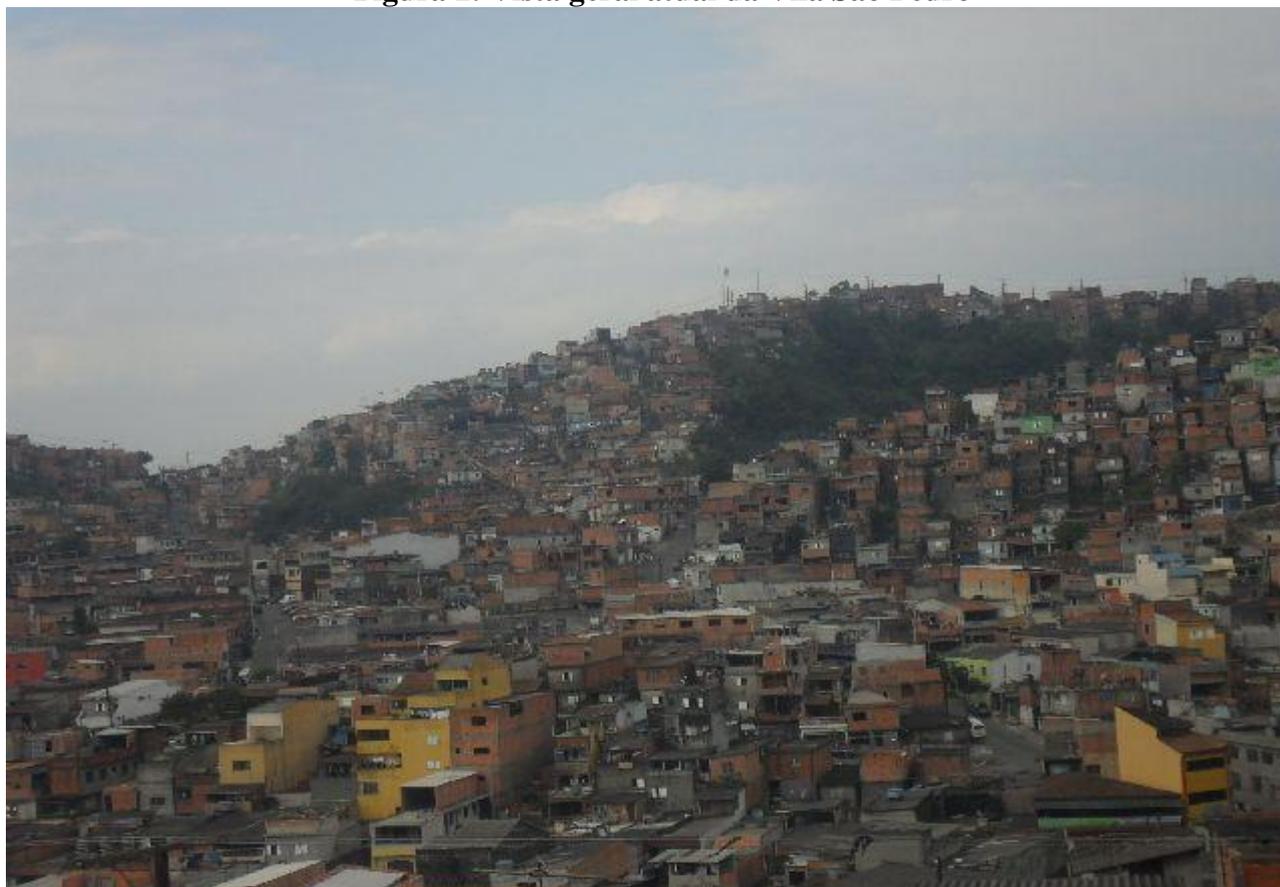
O comércio e a prestação de serviços são intensos, diferentemente do que poderiam imaginar pessoas que não conhecem a comunidade de perto. A dinâmica dos negócios é facilmente perceptível em uma tarde ensolarada de sábado. O vai-e-vem de pessoas com sacolas e pacotes é quase frenético. É o pulsar de uma economia francamente aquecida. O movimento de veículos causa até pequenos engarrafamentos.

O quê é a Comunidade de Vila São Pedro ou, para seus moradores, carinhosamente apelidada de “**Vila**”? Qual foi sua origem? Qual foi o contexto social de sua criação?

### 2.1.1 - Vila São Pedro: o contexto

Conforme dados do Censo 2010, no Brasil, 11.425.644 pessoas moram em favelas. No estado de São Paulo são 2.715.067 pessoas vivendo em más condições. Somente na cidade de São Bernardo do Campo, são 152.780 pessoas. (IBGE, 2010).

**Figura 1: Vista geral atual da Vila São Pedro**



*Fonte: o autor*

A comunidade de Vila São Pedro está a aproximadamente trinta quilômetros da capital paulista e a menos de cinco quilômetros da prefeitura local. Segundo informações do Censo 2010, conta com 26.321 habitantes, o que representa, aproximadamente, 17% dos moradores em áreas favelizadas da cidade (IBGE, 2010). A comunidade faz divisa com os bairros de Vila Esperança, Jardins Palermo, Irajá e Parque São Bernardo. Também faz divisa com o

Jardim Irene, no município de Santo André. A população está concentrada nas encostas dos morros que circundam a Avenida Dom Pedro de Alcântara, principal centro comercial da região.

Em 1983, um grupo de aproximadamente cem pessoas ocupou o local onde se localiza hoje a Vila São Pedro. A parte mais alta já estava ocupada por barracos, mas a parte baixa do terreno ainda permanecia desocupada. Liderados pelos senhores Santiago Gondin (“Seu Pombinha”), Ronaldo Silva Barrence e pelos irmãos Raimundo Policarpo dos Reis (“Pantera”) e Antonio Felipe dos Reis (“Jacaré”), limparam e mediram os lotes, cabendo a cada família uma pequena área de, aproximadamente, cento e vinte e cinco metros quadrados, montando barracas de lona para demarcar sua posse. Surgia o Movimento de Moradia e Melhores Condições de Vida. (MEDICI, 2012).

**Figura 2: Integrantes da ocupação inicial (foto da época):**



Acervo pessoal de Geralda de Cavalcanti, Solange F. Cunha, Raimundo P. Reis, Antonio F. Reis, Estevão Simplício e Marlene F. Souza. *Material gentilmente cedido pela professora Roseli Dias Ortigoso.*

Alguns meses depois, o padre Leo Commissari<sup>1</sup> e outros religiosos, aderiram ao movimento de ocupação, construindo de forma rudimentar a primeira igreja do bairro. De um pequeno grupo de pessoas em busca de moradia, ainda que de forma irregular, muita coisa mudou na comunidade de Vila São Pedro (MEDICI, 2012).

Os modestos casebres originais deram lugar a casas de alvenaria, com tijolos à vista, que dão a tonalidade terrosa à comunidade, algumas delas com dois andares. Dos poucos comércios existentes naquela época, os empreendimentos se multiplicaram, dando lugar a um grande número de empresas, voltadas ao comércio e à prestação de serviços. O morador da Vila São Pedro, que antes buscava quase tudo no centro da cidade, passou a ter novas alternativas.

**Figura 3: Antiga Igreja São José (foto da época)**



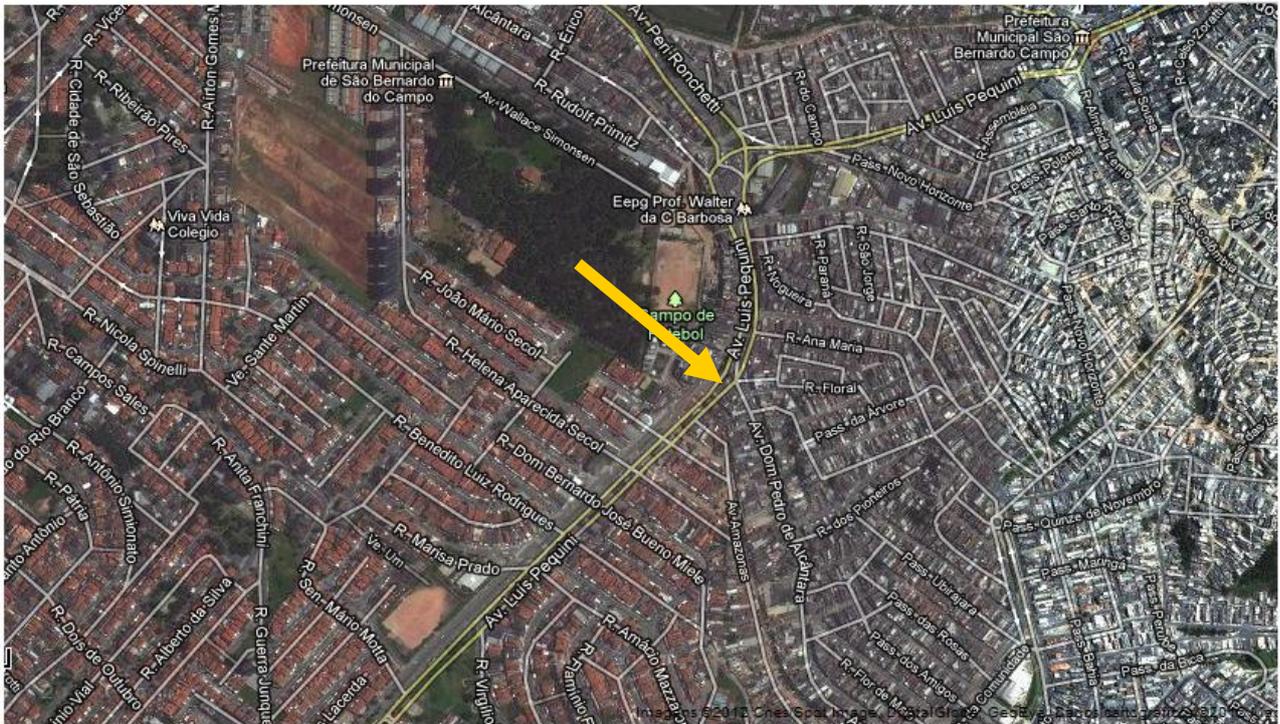
Acervo pessoal de Geralda de Cavalcanti, Solange F. Cunha, Raimundo P. Reis, Antonio F. Reis, Estevão Simplício e Marlene F. Souza.

*Material gentilmente cedido pela professora Roseli Dias Ortigoso.*

---

<sup>1</sup> **Padre Leo Commissari** nasceu na cidade de Bubano - Itália, em 19/04/1942. Sua infância foi bastante pobre devido às dificuldades decorrentes da II Guerra Mundial. Ordenou-se sacerdote em 1967, chegando ao Brasil em 1970 em Itapetinga - BA, onde viveu por sete anos. Retornando à Itália criou um projeto de missão diocesana, chamado "Projeto Igrejas Irmãs". Voltou ao Brasil em 1979, à cidade de São Bernardo do Campo. Padre Leo Commissari escolheu viver na favela para vivenciar o sofrimento do povo. Foi assassinado em 21/06/98, quando voltava ao seu barraco na favela no Parque São Bernardo. Fonte: <<http://www.padreleo.org.br>> 29/04/13.

**Figura 4: Vista aérea da região da Comunidade de Vila São Pedro**



Fonte: Google Maps – disponível em <<http://maps.google.com.br>> acesso em 13/03/2012

**Figura 5: Vista da comunidade**



Fonte: o autor

**Figura 6: Detalhe de um muro na comunidade**



*Fonte: o autor*

**Figura 7: Rua do Oleoduto – playground sobre a tubulação da Petrobrás**



*Fonte: o autor*

**Figura 8: Vista da comunidade. Perspectiva da Rua do Oleoduto**



*Fonte: o autor*

**Figura 9: Associação de Moradores (prédio verde ao fundo)**



*Fonte: o autor*

**Figura 10: Vista pela Avenida Luis Pequini**



*Fonte: o autor*

**Figura 11: Entrada da comunidade de Vila São Pedro**



*Fonte: o autor*

**Figura 12: Início da Rua Dom Pedro de Alcântara**



*Fonte: o autor*

Alguns percebendo o potencial de negócios, também investiram na criação de empresas, que se desenvolveram ao longo de mais de vinte e cinco anos de história, criando um contraponto ao que afirmam Zaluar e Alvito (2006), que a precariedade existente nas favelas decorre da pobreza de seus habitantes. Também divergindo ao que afirma Valladares (2008), que a favela é um dos paradigmas da pobreza urbana no Brasil. O potencial empreendedor já se delineava na região.

Criar uma empresa nesse ambiente para muitos é um contrassenso, para outros se tornou uma oportunidade de negócios, possibilitando a melhoria nas condições de vida de muitas pessoas. Contrariando ao que dita o senso comum num primeiro momento, a favela da Vila São Pedro passou a ser um nicho de pequenos novos negócios, um terreno fértil, à espera de empreendedores.

**Figura 13: Vista atual da Comunidade de Vila São Pedro**



Fonte: o autor

Esse movimento de crescimento econômico, com empresas de pequeno porte, passou a se alinhar ao que Prahalad levantou sobre atender a população mais pobre, buscando atenuar a pobreza: [...] *Se pararmos de pensar nos pobres como vítimas ou como um fardo e começarmos a reconhecê-los como empreendedores incansáveis e criativos e consumidores conscientes de valor, um novo mundo totalmente novo de oportunidades se abrirá[...]* (PRAHALAD, 2005 p. 47)

As microempresas recém-nascidas, além de atender a população local, passaram a ser uma alternativa na criação de renda aos seus proprietários, possibilitando, até mesmo, a multiplicação de novos postos de trabalho. Os primeiros passos rumo ao desenvolvimento econômico e social já estavam sendo dados.

Pequenos negócios passaram a se multiplicar na região. Seu efeito social passou a reverberar na qualidade de vida dos moradores da comunidade, consonante ao estudo do IBGE (2001):

Uma importante contribuição das micro e pequenas empresas no crescimento e desenvolvimento do País é a de servirem de “colchão” amortecedor do desemprego. Constituem uma alternativa de ocupação para uma pequena parcela da população que tem condição de desenvolver seu próprio negócio, e em uma alternativa de emprego formal ou informal, para uma grande parcela da força de trabalho excedente, em geral com pouca qualificação, que não encontra emprego nas empresas de maior porte. Na década de 1980, com a redução do ritmo de crescimento da economia, resultando em maior nível de desemprego, os pequenos negócios passaram a ser considerados uma alternativa para a ocupação da mão-de-obra excedente, fazendo surgir ao final da década as primeiras iniciativas mais concretas para incentivar a abertura de micro e pequenas empresas na economia[...]

Alinhado ao que preceitua o IBGE, as micro e pequenas empresas tem se colocado como grandes criadoras de emprego e renda, sendo o empreendedorismo um dos fatores na melhoria na qualidade de vida da população (GEM, 2010).

O combate ao desemprego e a criação de novos postos de trabalho são desafios a serem enfrentados pela sociedade mundial. O relatório “*Global Employment Trends 2012 - Preventing a deeper jobs crisis*”, emitido pela OIT, prevê um crescimento do desemprego mundial, passando de 197 milhões em 2011, para 212 milhões em 2014, com viés de crescimento até 2016.

Uma das possíveis respostas para se desacelerar o desemprego, pode ser o fomento da criação de novos empreendimentos. Aproximadamente 70% dos postos de trabalho em nível global são gerados por micro e pequenas empresas (OIT, 2012).

O papel social das pequenas e micro empresas também teve sua importância destacada pela Constituição Federal de 1988, no que se refere à sua criação, proteção e manutenção. Eis o que versa o referido diploma legal, em seus artigos 170, inciso IX e 179:

Art. 170. A ordem econômica, fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tem por fim assegurar a todos existência digna, conforme os ditames da justiça social, observados os seguintes princípios:

IX - tratamento favorecido para as empresas de pequeno porte constituídas sob as leis brasileiras e que tenham sua sede e administração no País."

Art. 179. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios dispensarão às microempresas e às empresas de pequeno porte, assim definidas em lei, tratamento jurídico diferenciado, visando a incentivá-las pela simplificação de suas obrigações administrativas, tributárias, previdenciárias e creditícias, ou pela eliminação ou redução destas por meio de lei. (BRASIL, 1988)

## **2.2 - Micro e pequenas empresas - EUA, UE, Japão e Brasil**

Neste tópico serão trazidas algumas conceituações e classificações das micro e pequenas empresas nos Estados Unidos, União Européia, Japão e no Brasil.

### **2.2.1 – Micro e pequenas empresas norte-americanas**

Nos Estados Unidos, conforme o *U.S. Small Business Administration – SBA*, as pequenas empresas (SMBs) são assim classificadas, tendo como base o número médio de empregados nos últimos doze meses, ou pelo volume médio de vendas nos últimos três anos. *SBA* é a sigla da agência federal norte-americana, criada em 30 de julho de 1953, cuja missão é proteger e fomentar a criação e o desenvolvimento de pequenas empresas. Dentre as ocupações da agência podem-se citar: a-) Oferecimento de linhas especiais de financiamento e investimento; b-) Desenvolvimento do empreendedor (informação, educação, assistência tecnológica e treinamento); c-) Criação de oportunidades de fornecimento de produtos/serviços ao governo federal; d-) Advocacia (defesa dos interesses dos empreendedores).

Para serem classificadas como *small business* as empresas precisam ter as seguintes características, conforme a natureza de suas operações: indústrias: de 500 a 1.500 empregados; empresas atacadistas: de 100 a 500 empregados; prestadores de serviços: faturamento médio de US\$ 2,5 milhões a US\$ 21,5 milhões; empresas varejistas: de US\$ 5,0 a US\$ 21 milhões; construção civil (pesada) faturamento anual de até US\$ 17 milhões; empreiteiros: receita anual de até US\$ 7 milhões e agricultura receita anual de até US\$ 9,0 milhões (SBA, 2012).

Segundo o SBA (2012) pequenas empresas sempre tiveram importante papel na economia americana, promovendo seu crescimento e desenvolvimento. Mais da metade dos norte-americanos trabalham em negócios próprios de pequeno porte ou são empregados dessas empresas. A cada três postos de trabalho nos Estados Unidos, dois são originados pelas SMBs. (SBA, 2012).

### **2.2.2 – Micro e pequenas empresas européias**

A União Européia também trata com muito cuidado de suas micro e pequenas empresas, adotando a nomenclatura *Small and Medium Enterprises – SME* para designá-las. O Jornal Oficial da União Européia, de 20 de maio de 2003, L124/39, publicou a Recomendação da Comissão das Comunidades Européias, que em seu Título I, artigo 1º., traz a definição de “empresa”:

Entende-se por empresa qualquer entidade que, independentemente da sua forma jurídica, exerce uma actividade económica. São, nomeadamente, consideradas como tal as entidades que exercem uma actividade artesanal ou outras actividades a título individual ou familiar, as sociedades de pessoas ou as associações que exercem regularmente uma actividade económica [*sic*]. (UNIÃO EUROPÉIA, 2003).

Basicamente, conforme o modelo europeu, elas se subdividem em três: as microempresas (*micro enterprises*), pequenas e médias empresas. Para serem classificadas como empresas de pequeno porte, essas organizações devem possuir menos de duzentos e cinquenta empregados e um faturamento anual menor que cinquenta milhões de euros.

A adoção dessa classificação por parte dos países membros da U.E não é obrigatória, todavia a Comissão Europeia reforça a necessidade da existência de um padrão, seguindo o modelo do Fundo Europeu de Investimento e do Banco Europeu de Investimento.

As SMEs possuem importância basilar na economia europeia, sendo fonte primária de inovação e criação de postos de trabalho. No ano de 2010, 98,7% das empresas europeias eram micro ou pequenos negócios, representando 64 milhões de postos de trabalho, com um faturamento de 2,4 bilhões de euros.

A cada €1,00 faturado, €0,40 são oriundos de micro ou pequenas empresas. A tabela a seguir demonstra a importância e participação destas organizações no contexto econômico europeu. (UNIÃO EUROPEIA, 2003)

**Quadro 2 – Estimativa da distribuição das empresas europeias, conforme porte**

<b>Porte</b>	<b>Micro</b>	<b>Pequenas</b>	<b>Médias</b>	<b>Grandes</b>	<b>Total</b>
<b>No. de Empresas</b>	19.198.539	1.378.401	219.252	43.034	20.839.226
<b>%</b>	92,1%	6,6%	1,1%	0,2%	100,0%
<b>No. de Empregos</b>	38.905.519	26.605.166	21.950.107	43.257.098	130.717.890
<b>%</b>	29,8%	20,4%	16,8%	33,1%	100,0%
<b>Faturamento (Milhões EUR)</b>	1.293.391	1.132.202	1.067.387	2.485.457	5.978.437
<b>%</b>	21,6%	18,9%	17,9%	41,6%	100,0%

Fonte: União Europeia (2011) - National Statistics Offices of Member States / Eurostat / Cambridge Econometrics/Ecorys

### 2.2.3 – Micro e pequenas empresas japonesas

O Japão também possui uma agência independente chamada “*Organization for Small & Medium Enterprises and Regional Innovation – SME Support, Japan*”, ligada diretamente ao ministério da Economia, Comércio e Indústria japonês. A finalidade da agência é o desenvolvimento regional e das SMEs.

Dentre as atividades da agência podem-se citar: a-) serviço de apoio e assessoria para empresas iniciantes (*start-ups*) e para as em desenvolvimento; b-) apoio na gestão das pequenas empresas e na sua interação local; c-) auxílio mútuo na obtenção de recursos financeiros, tanto para desenvolvimento, quanto contingenciais; d-) Apoio na busca de novos negócios (desenvolvimento de websites, melhoria de infraestrutura e tecnologia).

A participação das SMEs, na economia japonesa, também possui destaque merecido. Segundo o relatório da *Japan Finance Corporation* - instituição financeira governamental, 99% das empresas japonesas são classificadas como pequenas ou médias empresas. Desses empreendimentos, 90% possuem nove ou menos funcionários.

Mais de 80.000 postos de trabalho são criados anualmente somente pelas empresas entrantes no mercado nipônico (JFC, 2010). A classificação japonesa de SMEs baseia-se no capital das empresas ou no número de empregos e no ramo de atuação. Se enquadram como SMEs:

Manufatura, Construção e Transporte: menos de US\$ 2,7 milhões ou menos de 300 empregados; Atacadistas: menos de US\$ 900,000 ou menos de 100 empregados; Comércio Varejista: menos de US\$ 450,000 ou menos de 50 empregados; Serviços: menos de US\$ 450,000 ou menos de 100 empregados (SME Support, JAPAN, 2012).

### Quadro 3 – Classificações internacionais sobre micro e pequenas empresas

<p><b>Empresas norte-americanas (SBA, 2012)</b></p>	<p>Indústrias: de 500 a 1.500 empregados; empresas atacadistas: de 100 a 500 empregados; prestadores de serviços: faturamento médio de US\$ 2,5 milhões a US\$ 21,5 milhões; empresas varejistas: de US\$ 5,0 a US\$ 21 milhões; construção civil (pesada) faturamento anual de até US\$ 17 milhões; empreiteiros: receita anual de até US\$ 7 milhões e agricultura receita anual de até US\$ 9,0 milhões.</p>
<p><b>Empresas européias (União Européia, 2003)</b></p>	<p>Micro: &lt; 10 empregados; receita anual: ≤ € 2.000.000 Pequenas: &lt; 50 empregados; receita anual ≤ € 10.000.000 Médias: &lt; 250; receita anual ≤ € 50.000.000</p>
<p><b>Empresas japonesas (SME Support, JAPAN, 2012)</b></p>	<p>Manufatura, Construção e Transporte: menos de US\$ 2,7 milhões ou menos de 300 empregados; Atacadistas: menos de US\$ 900,000/ano ou menos de 100 empregados; Comércio Varejista: menos de US\$ 450,000/ano ou menos de 50 empregados; Serviços: menos de US\$ 450,000/ano ou menos de 100 empregados.</p>
<p><b>Empresas brasileiras SEBRAE (2011) e Ministério do Trabalho (2012)</b></p>	<p>Empreendedor individual: Receita anual R\$ 60.000,00 Micros: Receita anual de até R\$ 360.000,00 Pequenas: Receita maior que R\$ 360.000,00 e menor que R\$ 3.600.000,00 anuais.</p>

Fonte: O autor

#### 2.2.4 – Micro e pequenas empresas brasileiras

No Brasil não existe uma definição única acerca dos termos micro e pequenas empresas (PMEs). Todavia, o IBGE (2003) traz algumas características que as permeiam:

- baixa intensidade de capital;
- altas taxas de natalidade e de mortalidade;
- forte presença de proprietários, sócios e membros da família como mão-de-obra ocupada nos negócios;
- poder decisório centralizado;
- estreito vínculo entre os proprietários e as empresas, não se distinguindo, principalmente em termos contábeis e financeiros, pessoa física e jurídica;
- registros contábeis pouco adequados;
- contratação direta de mão-de-obra;
- utilização de mão-de-obra não qualificada ou semiquificada;
- baixo investimento em inovação tecnológica;
- maior dificuldade de acesso ao financiamento de capital de giro;
- relação de complementaridade e subordinação com as empresas de grande porte.

No Brasil outras conceituações são dadas pelo Estatuto da Micro e Pequena Empresa (Lei 9.841 de 05 de outubro de 1999, regulamentada pelo Decreto 3.474 de 19 de maio de 2000, alterada pela Lei Complementar 123, de 14 de dezembro de 2006 e pela Lei Complementar 128 de 19 de dezembro de 2008) sendo consideradas microempresas aquelas com receita anual de até R\$ 360.000,00 e como de pequeno porte as organizações com faturamento maior que R\$ 360.000,00 e menor que R\$ 3.600.000,00 anuais.

Outra figura jurídica criada a partir da lei Complementar 128 de 2008 é a do Empreendedor Individual. Essa modalidade de empresa destina-se ao principalmente ao empreendedor informal, que busca a legalização de sua empresa.

Para isso é necessário que algumas exigências sejam cumpridas, tais como: faturamento máximo de R\$ 60.000,00 anuais; não ser sócio de outro empreendimento e ter um empregado registrado que perceba o salário mínimo ou piso de sua categoria.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, considera como microempresas aquelas cuja receita bruta operacional anual seja de até dois milhões e quatrocentos mil reais e como pequenas cuja receita bruta seja maior que dois milhões e quatrocentos mil e menor ou igual a dezesseis milhões de reais (BNDES, 2012).

Por sua vez, a Receita Federal considera como microempresas (ME) todas as organizações que possuam renda bruta igual ou inferior a cento e vinte mil reais. Considera, ainda, como empresa de pequeno porte (EPP) as empresas com renda bruta maior que cento e vinte mil reais e menor ou igual a um milhão e duzentos mil reais. (RECEITA FEDERAL, 2012).

Já o IBGE, conceitua microempresa como aquela que conta com até cinco pessoas ocupadas. Pequenas empresas de seis a dezenove e médias e grandes empresas com vinte ou mais pessoas ocupadas (IBGE, 2012).

O SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, segue a mesma conceituação do Ministério do Trabalho e Emprego, exarada através da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, dividindo-os de acordo com sua área de atuação. Para as indústrias, micro empresas são aquelas que contam com até dezenove pessoas ocupadas (SEBRAE, 2011). São consideradas de pequeno porte aquelas que contam de vinte até noventa e nove pessoas ocupadas.

No setor de comércio e prestação de serviços, a entidade considera como micro empresas aquelas com até nove pessoas ocupadas e como pequena empresa as de dez a quarenta e nove pessoas ocupadas. O Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa (2011), elaborado pelo SEBRAE em conjunto com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), traz algumas importantes estatísticas, que reforçam a importância das PMEs.

Entre 2000 e 2010 as micro e pequenas empresas criaram 6,1 milhões de empregos formais, com carteira assinada. Em 2010, 99% das empresas brasileiras eram empresas de pequeno porte, sendo responsáveis por 51,6% dos empregos formais privados não-agrícolas.

No mesmo ano, o comércio respondeu por 51,5% das empresas e o setor de serviços por 33,3%. O salário médio pago nas micro e pequenas empresas em 2010, foi de R\$ 1.099,00. Os trabalhadores por conta própria passaram de 17 (2001) para 19 milhões (2009). Em 2009, as mulheres atingiram a marca de 33,5% dos trabalhadores por conta própria.

Nesse mesmo ano, os trabalhadores por conta própria, com idade igual ou superior a 40 anos atingiram a marca de 59,5%. No quesito escolaridade, 19,8% dos trabalhadores autônomos possuíam ensino médio completo ou superior (SEBRAE, 2011).

A existência de pequenos negócios inseridos na comunidade são, em primeira análise, conforme o IBGE (2001), um atenuante nos níveis de desemprego na região. Todavia, para se confirmar tal possibilidade, se faria necessário um novo estudo, que poderá ser tema de futuras pesquisas.

Mais importante que apenas classificar tipos de empresa, conforme seu faturamento ou número de colaboradores, é perceber a importância dessas organizações e sua contextualização social. Ensina Yunus (2008, p. 10): *[...] dentro de cada um de nós existem muito mais possibilidades do que aquelas que tivemos de explorar até o presente. Se não criarmos o ambiente favorável ao desenvolvimento do nosso potencial nunca saberemos o que temos dentro de nós [...]*.

A criação de pequenas empresas surte efeitos que podem repercutir na qualidade de vida dos cidadãos da comunidade. Um exemplo disso é a chamada “Economia Popular”, na qual o desenvolvimento pontual de cada microempreendimento promove uma ação sinérgica que atinge direta ou indiretamente todo o contexto da comunidade.

#### Quadro 4 – Classificações das micro e pequenas empresas - Brasil

<p><b>IBGE (2003)</b></p>	<p>“baixa intensidade de capital; altas taxas de natalidade e de mortalidade; forte presença de proprietários, sócios e membros da família como mão-de-obra ocupada nos negócios; poder decisório centralizado; estreito vínculo entre os proprietários e as empresas, não se distinguindo, principalmente em termos contábeis e financeiros, pessoa física e jurídica; registros contábeis pouco adequados; contratação direta de mão-de-obra; utilização de mão-de-obra não qualificada ou semiquificada; baixo investimento em inovação tecnológica; maior dificuldade de acesso ao financiamento de capital de giro; relação de complementaridade e subordinação com as empresas de grande porte”.</p>
<p><b>Estatuto da Micro e Pequena Empresa (Lei 9.841 de 05 de outubro de 1999, regulamentada pelo Decreto 3.474 de 19 de maio de 2000, alterada pela Lei Complementar 123 de 14 de dezembro de 2006 e pela Lei Complementar 128 de 19 de dezembro de 2008).</b></p>	<p>Empreendedor individual: Receita de até R\$ 60.000,00          Micros: Receita anual de até R\$ 360.000,00          Pequenas: Receita maior que R\$ 360.000,00 e menor que R\$ 3.600.000,00 anuais.</p>
<p><b>BNDDES (2012)</b></p>	<p>Microempresas: Receita anual até R\$ 2.400.000,00          Pequenas: Receita anual maior que R\$ 2.400.000,00 e menor que R\$ 16.000.000,00.</p>
<p><b>RECEITA FEDERAL (2012)</b></p>	<p>Microempresas: renda bruta igual ou inferior a R\$ 120.000,00 - Pequenas: renda bruta maior que R\$ 120.000,00 e menor ou igual a R\$ 1.200.000,00.</p>
<p><b>SEBRAE (2011) e Ministério do Trabalho (2012)</b></p>	<p>Microempresas industriais: até 19 pessoas ocupadas; Microempresas comerciais e serviços: até 09 pessoas ocupadas. Pequenas industriais: de 20 até 99 pessoas ocupadas. Pequenas comerciais e serviços: 10 a 49 pessoas ocupadas.</p>

Fonte: O autor

### 2.3 - O desenvolvimento local e a Economia Popular

Conforme Oliveira (2001), o desenvolvimento local é uma noção bastante ampla. De forma análoga às conceituações de *favela*, uma tentativa em reduzi-la a uma simples definição será infrutífera. Ainda conforme o autor, pode-se conceituar o termo como a satisfação de uma série de pontos relativos ao bem estar e à qualidade de vida, incluindo-se, ainda, o conceito de cidadania e participação.

O desenvolvimento econômico e social observado na comunidade de Vila São Pedro, ao longo dos vinte e cinco anos de sua história, corrobora a idéia de Ávila (2000), que enxerga o desenvolvimento como reflexo do crescimento dos aspectos político, econômico e social de uma comunidade. Tal assertiva vai ao encontro ao que ensina o economista indiano Amartya Sen:

[...] Ser genericamente contra os mercados seria quase tão estapafúrdio quanto ser genericamente contra a conversa entre as pessoas [...] A liberdade de trocar palavras, não necessita de justificação defensiva com relação a seus efeitos favoráveis mas distantes; essas trocas fazem parte do modo como os seres humanos vivem e interagem na sociedade (a menos que sejam impedidos por regulamentação e decreto). A contribuição do mecanismo de mercado para o crescimento econômico é obviamente importante, mas vem depois do reconhecimento da importância direta da liberdade de troca – de palavras, bens, presentes. (SEN, 2000, p.21).

As micro e pequenas empresas têm sido fomentadas para a criação de novos postos de trabalho em países classificados como subdesenvolvidos ou em desenvolvimento e, conseqüentemente, no crescimento e desenvolvimento de economias locais (DE MARCO, 2003).

Ainda conforme o autor, micros e pequenas empresas são bastante heterogêneas. Se de um lado surgem empresas nas quais a utilização de novas tecnologias (informática, telefonia,

dentre outras), chamadas pelos norte-americanos de “*start-ups*”, tem sido seu grande propulsor, de outro existem empresas, produzindo bens e serviços tradicionais, com a utilização intensa de mão de obra, de baixa qualificação e alta rotatividade, com pequena inclinação à inovação, apresentando elevados índices de mortalidade logo após seu surgimento.

As empresas existentes na Vila São Pedro, pelas próprias características locais, não são voltadas à tecnologia. Buscam atender as necessidades básicas dos moradores da comunidade e de seus arrabaldes. A característica de atendimento básico às necessidades locais é uma das características da chamada “Economia Popular”.

Icaza; Tiriba (2003) entendem por economia popular as práticas econômicas e atividades sociais desenvolvidas pela a população, visando garantir por meio de sua própria força de trabalho e recursos sua subsistência e bem estar.

Razeto (2003, p. 35) também conceitua Economia Popular como sendo “*[...] o resultado das diferentes atividades, iniciativas e experiências que os setores populares[...] com o objetivo de assegurar sua subsistência e perseguir a satisfação de suas necessidades econômicas*”.

O desenvolvimento das empresas locais tornou-se aparentemente um multiplicador do desenvolvimento da comunidade. Parece, num primeiro enfoque, que as empresas pioneiras foram surgindo pela necessidade de seus proprietários e não por ideais empreendedores conscientes. A necessidade é a mãe de todas as ações.

## 2.4 - Empresário, empreendedor e o empreendedorismo

O termo “*empreendedorismo*” é um neologismo que deriva de *entrepreneurship*, sendo usado para determinar situações inerentes ao empreendedor e suas características. (DORNELAS, 2001). A expressão “*empreendedor*” é utilizada desde o final do século XVII e início do XVIII para delimitar aqueles que criavam e dirigiam empreendimentos e/ou projetos. Coube ao banqueiro e economista irlandês, radicado na França, Richard Cantillon, o título de precursor do empreendedorismo, no qual este assim se configura, devido à criação de algo a ser oferecido a um potencial mercado consumidor. (FILLION, 1999).

No século XIX, o economista francês Jean Baptiste Say descreveu o empreendedorismo como o ato de proceder a combinação dos fatores de produção, gerir o negócio e assumir os riscos inerentes a esta operação (SAY, 1983). Para Say, aquele à frente de uma negócio deve ter “*tino, constância e conhecimento dos homens e das coisas[...]*”.

Em 1928, o economista Joseph Alois Schumpeter popularizou o termo empreendedorismo, alinhavando-o à inovação, como também associou o desenvolvimento econômico ao bom êxito dos empreendedores (FILION, 1999). “[...] *a essência do empreendedorismo está na percepção e no aproveitamento das novas oportunidades no âmbito dos negócios[...] sempre tem a ver com criar uma nova forma de uso dos recursos nacionais, em que eles sejam deslocados de seu emprego tradicional e sujeito a novas combinações[...]*” (SCHUMPETER, 1928 *apud* FILION, 1999, p.7).

Schumpeter (1983, p.18), continua discorrendo acerca da visão empreendedora e do empreendedor:

[...] na vida econômica, deve-se agir sem resolver todos os detalhes do que deve ser feito. Aqui, o sucesso depende da intuição, da capacidade de ver as coisas de uma maneira que posteriormente se constata ser verdadeira, mesmo que no momento isso não possa ser comprovado, e de se perceber o fato essencial, deixando de lado o

perfunctório, mesmo que não se possa demonstrar os princípios que nortearam a ação[...] Chamamos “empreendimento” à realização de combinações novas; chamamos “empresários” aos indivíduos cuja função é realizá-las. Esses conceitos são há um tempo mais amplos e mais restritos do que no uso comum[...]“É, contudo, o produtor que, via de regra, inicia a mudança econômica, e os consumidores, se necessário, são por ele ‘educados’; eles são, por assim dizer, ensinados a desejar novas coisas, ou coisas que diferem de alguma forma daquelas que têm o hábito de consumir [...].

Dornelas (2001) também cita Schumpeter em relação ao conceito de empreendedor, como aquele que rompe a ordem econômica, desconstruindo métodos e formas existentes e parte para a criação de novos produtos e serviços.

Hisrich; Peters; Shepherd (2009) ensinam que o resultado do empreendedorismo pode ser compreendido como “*a riqueza gerada por indivíduos que assumem os principais riscos em termos de patrimônio, tempo ou comprometimento com a carreira ou que proveem valor para algum produto ou serviço...*”

Ao perscrutar o empreendedor sob o prisma econômico Drucker (1986), cita Schumpeter, ensinando que o empreendedor é um elemento “metaeconômico”, ou seja, influencia profundamente a economia, sem dela fazer parte. Todavia, os economistas não conseguem explicar as razões que fazem emergir o sentimento empreendedor, restando para isso explicações subjetivas, como mudanças demográficas, mudança no valores pessoais e desenvolvimento da educação.

O empreendedorismo é de vital importância ao desenvolvimento socioeconômico de uma nação, tendo em vista, a possibilidade da criação de empregos e sendo o promotor do avanço tecnológico pela introdução de novos produtos e serviços (GEM, 2010). Fillion (1999, p.11) também faz referências acerca da expansão do empreendedorismo e da importância dos empreendedores no desenvolvimento das sociedades:

[...] Nos anos 80, o campo do empreendedorismo expandiu-se e espalhou-se para várias outras disciplinas. Organizações e sociedades foram forçadas a buscar novas abordagens para incorporarem as rápidas mudanças tecnológicas à sua dinâmica [...] sociedades não podem evoluir sem empreendedores. O maior bem de uma sociedade são os recursos humanos, os quais devem ser mobilizados em direção de projetos de caráter empreendedor [...]

Birley; Muzika (2001) afirmam que a inclinação ao empreendedorismo é formada pela genética, influências e experiências familiares e pelo ambiente econômico. Degen (2009) conceitua empreendedor como aquele que possui uma ampla visão do negócio e suas particularidades, atuando de modo pertinaz para a consecução do seu projeto empreendedor, sendo seu objetivo maior a materialização de suas ideias.

Em seu relatório de 2010, o GEM conceitua empreendedorismo como [...] *Qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento, como, por exemplo: uma atividade autônoma, uma nova empresa ou expansão de um empreendimento existente. Em qualquer das situações a iniciativa pode ser de um indivíduo, grupos de indivíduos ou por empresas já estabelecidas[...]* (GEM, 2010). Deve-se ressaltar que nesta assertiva não existe alusão acerca da característica inovação, conforme já citado anteriormente por Schumpeter.

O SEBRAE (2012) traça como características do empreendedor a criatividade e a inovação, a busca da satisfação das necessidades das pessoas e o olhar voltado às possibilidades de novos negócios.

Davidsson (2001 *apud* Julien 2010), exara que basicamente existe quatro tipos de empreendedorismo: 1-) o que gera uma nova empresa; 2-) o que retoma uma empresa já existente; 3-) o que busca um mercado existente e 4-) o que busca um novo mercado.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (2003 *apud* Julien, 2010) conceitua empreendedorismo como “*uma maneira de ver as coisas e um*

*processo para criar e desenvolver atividades econômicas com base em risco, criatividade e inovação de gestão, no interior de uma organização nova ou já existente”.*

Ao seu tempo, autores como Bygrave (1989 *apud* Julien, 2010); Aldrich (1990 *apud* Julien, 2010); Colbari (2007) e Boava; Macedo (2009); corroboram a idéia que não existe uma definição que possa abarcar todas as concepções do assunto. Os termos “empreendedor” ou “empreendedorismo” são amplamente utilizados, variando sua definição de acordo com o contexto no qual cada um deles está inserido e da sua aplicabilidade. (COSTA, 2011).

Perante tantos conceitos e possibilidades, basicamente pode-se identificar três abordagens acerca do empreendedorismo: Behaviorista ou comportamental, Organizacional e Econômica. A primeira tem como base a intenção em traçar um panorama psicológico do empreendedor e tentar compreender suas atitudes e comportamento, enfim, tentar decifrar o que se pode chamar de “espírito empreendedor”. As pesquisas nesse sentido se debruçam, principalmente, nos trabalhos de David McClelland (1961,1972) (KETS DE VRIES, 1977; BORGES; CASADO, 2009 *apud* COSTA, 2011).

A segunda abordagem, a organizacional, centra seus estudos nas competências e habilidades empreendedoras, quando contextualizadas em uma organização. Sob a ótica organizacional, Costa (2011) destaca as seguintes pesquisas: empreendedorismo institucional (Garud; Hardy; Maguire, 2007); dos empreendedores como produtos organizacionais (Audia; Rider, 2006); do empreendedorismo social (Parkinson; Howorth, 2007); (Sousa; Oliveira; Fagundes; Dami; Lima, 2005), coletivo (Rodrigues; Malo, 2006) e sustentável (Boszczowski; Teixeira, 2009) e do intraempreendedorismo (Chieh; Andreassi, 2007).

A terceira abordagem é a econômica, cujos estudos têm como base a inovação como motriz do desenvolvimento econômico. Dentre as pesquisas nesse sentido, Costa (2011) elenca: Bygrave; Hofer (1991); Krueger; Brazeal (1994) e Gartner (1989).

Outras contribuições dadas ao campo do empreendedorismo, Nassif *et al* (2010) citam: Gartner (1985), Gartner (1990), Cunningham; Lischeron (1991), Fillion (1999), Shane; Venkataraman (2000), Bruyat; Julien (2000), Kuratko; Hodgets (2001), Ucbasaran; Westhead; Wright (2001), Davidsson (2005), Hisrih (2006), Baron (2007), dentre outros. No Brasil, trabalhos perpetrados por Dolabela (1999), Dornelas (2001), Davel; Machado (2001), Paiva Jr. (2005), Souza; Guimarães (2005), Garcia; Gimenez (2008), dentre outros.

O empreendedorismo no Brasil como objeto de grupos de pesquisa é algo ainda bastante novo. O primeiro EGEPE – Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas foi realizado em 2000. Somente em 2003 foi alvo de estudos no Enanpad - Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. (NASSIF *et al*, 2010). Todavia, o número de publicações e de pesquisas inerentes sobre o tema tem crescido nos últimos anos. Conforme Silveira *et al* (2010), tanto o empreendedorismo, quanto o empreendedor vêm sendo alvo de diversos estudos e definidos de diferentes maneiras. Várias instâncias da sociedade vêm valorizando o assunto, observado sob o prisma do desenvolvimento econômico e da geração de emprego.

Levantamentos bibliométricos junto à base de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), no período de 2004 a 2008, apontaram um total de 158.253 artigos relativos ao tema “empreendedorismo” (SILVEIRA *et al*, 2010). Nos eventos ENGEPE e Enanpad, de 2000 a 2008 duzentos e noventa trabalhos foram levantados por Nassif *et al* (2010) por meio de similar processo de pesquisa. Observe-se o comentário de Fillion acerca do empreendedor:

[...] Frequentemente associa-se o empreendedor à criatividade [...] muitas vezes é a necessidade ou uma cultura empreendedora inserida em determinado contexto que leva o empreendedor potencial a desenvolver a sua criatividade. O potencial criativo já existia, como existe em muitos de nós, mas foram as circunstâncias que estimularam o seu surgimento[...].

[...] Na realidade, uma das conclusões a serem tiradas a respeito das características dos empreendedores é que eles podem ser resumidos como protótipo do ser social. Os seres humanos são produtos do ambiente onde vivem. Alguns autores têm mostrado que os empreendedores refletem as características do período e do lugar que vivem. (Ellis, 1993; Gibb; Ritchie, 1981; McGuire, 1964,1976; Newman, 1981; Toulouse, 1979 *apud* Fillion , 2000 p.6).

Os empresários atuantes na Vila São Pedro são o resultado de um ambiente bastante particular. A luta diuturna pela sobrevivência e da busca por condições de vida mais dignas, tenham tornado esse empreendedor despreparado naquele que aprendeu com o próprio negócio e com os próprios erros. Tal qual admoesta Fachin (2006, p.14) acerca do conhecimento empírico: “[...] *é aquele adquirido independentemente de estudos, pesquisas, reflexões ou aplicações de métodos. Em geral, é um conhecimento que se adquire na vida cotidiana e, muitas vezes ao acaso[...]?*”.

A experiência desses empresários foi forjada no calor do cotidiano, com desafios e dificuldades, que apenas aqueles que a vivenciam reconhecem sua dimensão. Ter na possibilidade de tornar-se empresário, uma oportunidade de crescimento social, desconstruindo a noção de favela e pobreza, ditada pelo senso comum.

Tal consideração se alinha ao que ensinam Preteceille; Valladares (2000) que as comunidades geralmente são associadas à pobreza, não devendo ser vistas única e equivocadamente por este prisma.

**Quadro 5 – O Empreendedor e o Empreendedorismo**

<b>Richard Cantillon, século XVIII</b>	Precursor do empreendedorismo, no qual este assim se configura, devido à criação de algo a ser oferecido a um potencial mercado consumidor. (FILLION, 1999).
<b>Jean Baptiste Say, século XIX</b>	Empreendedorismo é o ato de proceder a combinação dos fatores de produção, gerir o negócio e assumir os riscos inerentes a esta operação..Aquele à frente de uma negócio deve ter “tino, constância e conhecimento dos homens e das coisas[...]”.(SAY, 1983).
<b>Joseph Alois Schumpeter, 1928</b>	[...] a essência do empreendedorismo está na percepção e no aproveitamento das novas oportunidades no âmbito dos negócios[...] sempre tem a ver com criar uma nova forma de uso dos recursos nacionais, em que eles sejam deslocados de seu emprego tradicional e sujeito a novas combinações[...] (SCHUMPETER, 1928 apud FILION, 1999, p.7).
<b>Peter Drucker, 1986</b>	O empreendedor é um elemento “metaeconômico”, ou seja, influencia profundamente a economia, sem dela fazer parte. (DRUCKER, 1986).
<b>Birley; Muzika, 2001</b>	A inclinação ao empreendedorismo é formada pela genética, influências e experiências familiares e pelo ambiente econômico. (BIRLEY; MUZIKA, 2001)
<b>Davidsson, 2001</b>	Há quatro tipos de empreendedorismo: 1-) o que gera uma nova empresa; 2-) o que retoma uma empresa já existente; 3-) o que busca um mercado existente e 4-) o que busca um novo mercado. (DAVIDSSON, 2001 apud JULIEN, 2010)
<b>Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE (2003)</b>	“uma maneira de ver as coisas e um processo para criar e desenvolver atividades econômicas com base em risco, criatividade e inovação de gestão, no interior de uma organização nova ou já existente”. (OCDE, 2003 apud JULIEN, 2010).
<b>Degen, 2009</b>	Empreendedor é aquele que possui uma ampla visão do negócio e suas particularidades, atuando de modo pertinaz para a consecução do seu projeto empreendedor, sendo seu objetivo maior a materialização de suas ideias. (DEGEN, 2009).
<b>Hisrich; Peters; Shepherd, 2009</b>	É “a riqueza gerada por indivíduos que assumem os principais riscos em termos de patrimônio, tempo ou comprometimento com a carreira ou que proveem valor para algum produto ou serviço...” (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2009).
<b>GEM, 2010</b>	[...] Qualquer tentativa de criação de um novo negócio ou novo empreendimento, como, por exemplo: uma atividade autônoma, uma nova empresa ou expansão de um empreendimento existente. Em qualquer das situações a iniciativa pode ser de um indivíduo, grupos de indivíduos ou por empresas já estabelecidas [...] (GEM, 2010).

Fonte: O autor

## 2.5 - Características do empreendedor brasileiro conforme o *GEM 2011*

O *Global Entrepreneurship Monitor* – GEM é uma pesquisa internacional coordenada pela *Global Entrepreneurship Research Association* – GERA, *Babson College* (EUA), *Universidad del Desarrollo* (Chile), *Universiti Tun Abdul Razak* (Malasia) e *London Business School* (Reino Unido), realizada a partir de informações de cinquenta e nove países. O trabalho possui a finalidade de avaliar o empreendedorismo nos países participantes, através de indicadores que permitam sua comparabilidade.

No Brasil, a pesquisa em sua versão 2011, é coordenada pelo Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP) e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI/PR), Serviço Social da Indústria (SESI/PR), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do Instituto de Tecnologia do Paraná (TECPAR). Dentre os diversos aspectos que são tratados pela pesquisa, podem-se destacar os elementos inerentes ao perfil sócio-econômico do empreendedor brasileiro: motivação, gênero, faixa etária, renda e escolaridade<sup>2</sup>.

a-) Motivação: Empreendedores possuem razões pessoais para fazê-lo. Dividem-se em dois grupos: empreendedores por necessidade e por oportunidade. Os integrantes do primeiro grupo se lançam à atividade empreendedora por não possuírem condições e/ou oportunidades de trabalho, enquanto os participantes do segundo grupo, mesmo possuindo boas condições de

---

<sup>2</sup>É importante citar que uma das limitações deste trabalho refere-se a comparação entre as informações detectadas pelo GEM 2011 e as obtidas pelo levantamento de campo, realizado na Vila São Pedro. Não se diz aqui limitação em um sentido que prejudique a análise, apenas cita-se para que fique evidente, por mais que se tenha tratado no texto, que se reconhece as amostras como distintas em espaço e tempo e que a adaptação é sempre necessária, considerando-se que o trabalho nas ciências sociais aplicadas não é exato ou regido por leis físicas. Diante disso, essa ressalva diz apenas o óbvio: a comparação está entre os itens comparáveis, em pontos específicos do questionário, e os pontos sem possibilidade de comparação o são por conta da especificidade, natural, da localidade estudada.

renda, o fazem devido à autonomia no trabalho proporcionada pela atividade empreendedora. (GEM, 2011).

b-) Gênero: Pesquisas envolvendo a relação entre gênero e empreendedorismo vêm sendo largamente estudada. Gatewood et al. (2003); De Bruin; Brush; Welter (2006 *apud* GEM, 2011) são exemplos dessa linha de pesquisa. Segundo Gupta *et al* (2009 *apud* GEM, 2011), os empreendedores são percebidos geralmente como figuras masculinas. No entanto, o Brasil possui 49% de empreendedoras. Segundo o estudo, a presença feminina vem se consolidando, devido à necessidade do sustento do lar, somada à flexibilidade dos horários, que possibilitam sua maior participação nas rotinas domésticas, o que seria dificultado por um emprego formal, com carteira assinada (GEM, 2011).

c-) Faixa etária: em empreendimentos com período de maturação menor que três anos e meio (chamados de empreendedorismo em fase inicial) a faixa etária compreendida entre 25 e 34 anos responde por 32,45% dos entrevistados. Empreendimentos com mais de quarenta e dois meses de maturação (chamados de empreendedores estabelecidos), possui 30% dos respondentes na faixa etária dos 45 aos 54 anos de idade (GEM, 2011).

d-) Renda: Neste quesito, 53,74% dos empreendedores possuem renda de menos de 03 salários mínimos, enquanto 32,6% possuem renda de 03 a 06 mínimos. (GEM, 2011)

e-) Escolaridade: Wadhwa, Freeman e Rissing (2008 *apud* GEM, 2011)<sup>3</sup> apontam que quanto maior o nível de educação do empreendedor, maior sua probabilidade de sucesso. Dos entrevistados, o perfil de escolaridade atende à seguinte ordem: em média apenas 1,7% não possuem nenhum tipo de educação formal; 21,27% ensino fundamental incompleto; 11,93% primeiro grau completo; 10,79% possuem o segundo grau incompleto; 36,42% segundo grau completo; 6,14% superior incompleto; 8,68% completaram o ensino superior e 3,07% cursaram pós-graduação.

---

<sup>3</sup> Fonte: <<http://www.gemconsortium.org/docs/2406/gem-brazil-2011-report-portuguese>>

### 3. METODOLOGIA

Conforme Gil (1999) a ciência possui por finalidade chegar à verdade dos fatos, tendo como sua principal característica a verificabilidade. Severino (2007) ensina que a percepção de um problema que envolva um objeto deflagra o processo de investigação científica. Mas para que a ciência seja assim classificada, tendo sucesso em seu intento, é necessário que exista uma forma, um caminho, um procedimento para se alcançar as respostas às inquietações científicas.

Tal procedimento é chamado de metodologia científica. Severino (2007, p. 102) a conceitua como sendo o “[...] *Conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais entre fenômenos [...]*”. A utilização de métodos científicos não se trata de uma exclusividade da ciência; todavia, esta não poderia existir sem a utilização do método (LAKATOS; MARCONI, 2008).

Torna-se necessário, por conseguinte, a realização de uma pesquisa, que conforme ensina Gil (1999), tem como objetivo encontrar respostas a problemas por meio da utilização de procedimentos científicos. O método utilizado foi o processo indutivo, de caráter observacional, pois segundo Fachin (2006, p.32) “*método indutivo é um procedimento de raciocínio que, a partir de uma análise de dados particulares, encaminha-se para noções gerais*”.

Tanto este quanto o método dedutivo baseiam-se em premissas. Todavia, se no dedutivo as premissas verdadeiras resultam em conclusões verdadeiras, no indutivo “*pode-se apenas afirmar que as premissas de um argumento [...] correto sustentam ou atribuem certa verossimilhança a sua conclusão. Assim, quando as premissas são verdadeiras, o melhor que se pode dizer é que sua conclusão é, provavelmente, verdadeira*”. (CERVO; BERVIAN, 1978 *apud* LAKATOS; MARCONI, 2008, p.53).

O desafio em se conhecer o perfil do empreendedor em comunidades de baixa renda e realizar o estudo em milhares de favelas espalhadas pelo Brasil seria uma tarefa complexa. O universo de pesquisa se tornaria, destarte, consideravelmente extenso. Assim sendo, dadas as características comuns que permeiam todas as comunidades, como observado no capítulo 2, mesmo diante das limitações conceituais e das críticas ao método feitas por David Hume e Karl Popper (GIL, 1999), justificou-se a adoção da *generalização indutiva* (HEGENBERG, 1976 *apud* LAKATOS; MARCONI, 2006).

A amostragem configurou-se como não-probabilística, por tipicidade (ou intencional), sendo determinada a Comunidade de Vila São Pedro e seus empresários como a amostra do estudo. Pela própria natureza do trabalho, foi realizado um levantamento (*survey*), por meio de uma pesquisa de campo, em na sua modalidade quantitativo descritiva, conforme ensina Lakatos; Marconi (2008, p.70): pois “[...] *consiste em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos[...]; sendo [...] estudos quantitativos descritivos que possuem, como função primordial, a exata descrição de certas características quantitativas como um todo, organizações ou outras coletividades específicas[...]*”.

A versão inicial do instrumento de pesquisa foi um formulário composto por dezessete perguntas, posteriormente ampliado para 30 questões, sendo 07 delas de alternativas, 6 abertas e 17 de múltipla escolha. Foram utilizadas questões validadas, previamente utilizadas pelo *Global Entrepreneurship Monitor*, na pesquisa “*Empreendedorismo no Brasil*” em sua versão 2011.

As questões aproveitadas e adaptadas foram: Sexo; Idade; Renda, Escolaridade; “*Há quanto tempo o senhor é empresário?*”; “*O senhor pretende aumentar o número de pessoas que trabalham com o senhor(a)?*”; “*Seu produto e/ou serviço é uma novidade para os seus clientes?*”; “*Quanto o senhor(a) gastou para iniciar o negócio?*”

A validação final do instrumento deu-se através da aplicação de um pré-teste, de forma aleatória, tal qual preconizam Gil (1999) e Lakatos; Marconi (2006), no dia 20/10/2012. Os resultados prévios de oito questionários foram descartados na tabulação final.

Na realização do pré-teste foram detectadas inconsistências, como, por exemplo, a pergunta: “*Se eu tivesse oportunidade eu me mudaria da comunidade. Em relação a essa pergunta, o senhor(a): Concordo ou Discordo; Muito ou Pouco...*” Dois dos respondentes ao pré-teste ficaram em dúvida se a questão se referia a eles como empresa ou como moradores da comunidade.

Este tipo de dúvida comprometeria a qualidade das informações serem coletadas. A questão foi desmembrada em três outras: “*O Sr.(a) mora na comunidade*”; “*Se eu tivesse oportunidade eu me mudaria com minha família da comunidade*” e “*Se eu tivesse oportunidade mudaria minha empresa para qualquer outro lugar*”.

Outra correção refere-se às características gráficas do formulário. Devido ao tamanho reduzido da fonte inicial, o trabalho do aplicador na leitura para o respondente foi bastante dificultada. Esse contratempo foi devidamente corrigido antes do início do trabalho em campo. Após os ajustes, o instrumento versão 2 foi reaplicado no dia 23 de outubro de 2012, aos mesmos respondentes iniciais, não havendo mais quaisquer outras dúvidas ou questionamentos sobre a interpretação das questões.

O trabalho de campo foi realizado por dois aplicadores que percorreram em par a comunidade, buscando empresas e pequenos negócios entre os dias 27 de outubro e 10 de novembro de 2012. Optou-se em não se fazer o levantamento junto à prefeitura municipal, nem na Junta Comercial da região, tendo em vista a possibilidade de algumas empresas não serem formais ou estarem registradas.

Os dados foram tabulados inicialmente pela planilha eletrônica Excel® para Windows® da Microsoft®, submetidos posteriormente a tratamento estatístico pela ferramenta “*Statistical Package for the Social Sciences*” – SPSS. No ponto 4.2 “*Os empresários da Vila e suas opiniões*”, a estrutura das respostas possíveis adotada foi a de *escala de graduação*, com as opções: concordo muito, concordo pouco, discordo muito e discordo pouco. Optou-se pela escala de quatro graus para se evitar a tendência central (GIL, 1999).

Conforme Siegel (1975, p. 34) “[...] *uma prova estatística não-paramétrica é uma prova cujo modelo não especifica condições sobre os parâmetros da população da qual se extraiu a amostra [...]*”. Fonseca; Martins (1996, p. 225) corroboram: “[...] *a aplicação dessas técnicas não exige suposições quanto à distribuição da população da qual se tenha retirado as amostras[...]*”.

Foram aplicadas as provas estatísticas não-paramétricas *U de Mann-Whithney e Kruskal-Wallis*, para se verificar se as características de gênero, idade, nível escolar e a renda, influenciariam as respostas dos empresários em relação a:

- Morando ele na comunidade, se iria para outro local, se tivesse a oportunidade;
- Se ele foi discriminado por ter a empresa na comunidade;
- Se ele mudaria o negócio para outra praça;
- Se sua renda seria maior como empregado;
- Se a empresa fosse no centro da cidade sua renda seria maior;
- Se os estudos podem ajudar nos negócios.

**Quadro 6 – Adequação das Provas Estatísticas Não-Paramétricas**

<b>Nível de Mensuração</b>	<b>Número de Amostra(s)</b>	<b>Dependência da(s) Amostra(s)</b>	<b>Tipo do teste estatístico</b>
Ordinal	02 amostras	Independentes	<i>U de Mann-Whitney</i>
Ordinal	“k” amostras	Independentes	<i>Kruskal-Wallis</i>

Fonte: Adaptado de Siegel, 1975.

O mapeamento resultou em um total de 461 empresas. Dessas, o formulário impresso e devidamente numerado, foi respondido por duzentos e sessenta e quatro sócios e/ou proprietários, iniciando-se o trabalho de coleta pela Avenida Dom Pedro de Alcântara e proximidades (principal centro empresarial da comunidade). Do total, quinze empresas estavam sob os cuidados de empregados, cujo contato com proprietário não foi possível e outros dez recusaram-se a participar da pesquisa.

Cada formulário demorou, em média, cinco minutos para ser preenchido. As perguntas foram feitas de forma clara e objetiva, para que o participante entendesse a pergunta, sem a necessidade de maiores explicações e/ou esclarecimentos, o que poderia enviesar as respostas.

Antes de se iniciar o trabalho do pré-teste e da aplicação dos formulários, a liderança comunitária foi contatada para que esta estivesse ciente da realização do trabalho, evitando, da mesma forma, situações desconfortáveis com moradores e frequentadores, avessos à circulação de estranhos no seio da comunidade, devido à natural desconfiança e resistência inicial por parte dos respondentes.

### 3.1 - Definições Operacionais

Conforme Lakatos e Marconi (2006, p.122) *“a operacionalização dos conceitos consiste essencialmente na redução progressiva do conceito abstrato a certo número de componentes (menos abstratos) até atingir e especificar os referentes da realidade[...]”* ainda as autoras citando Merton (1970) *[...] uma das funções do esclarecimento conceitual (operacionalização) é explicitar o caráter dos dados incluídos num conceito, pois se nos limitarmos apenas a descrever um conjunto de operações, não informamos realmente, sobre o significado de um conceito[...]*, MERTON (1970 *apud* LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 123).

Para a realização do presente trabalho foram adotadas as seguintes definições operacionais:

a-) **Empresário:** entende-se neste trabalho como “empresário” todo e qualquer proprietário, sócio ou participante de um empreendimento ou negócio, formal ou não, que produza e/ou comercialize, ou preste serviços, visando sua própria subsistência e/ou de outrem.

b-) **Vila São Pedro:** Comunidade de baixa renda localizada no município de São Bernardo do Campo, estado de São Paulo, conforme mapa (figura 14, p.61), compreendendo o perímetro dos endereços relacionados a seguir, (quadro 07, p.60) mapeados em pesquisa, tendo em vista que alguns deles não constam do guia de CEP dos Correios:

c-) **Empresa, Empreendimento, Negócio:** Qualquer organização estruturada, voltada à indústria, comércio ou prestação de serviços, formal ou não, que seja a forma de subsistência do(s) seu(s) proprietário(s) e/ou de outras pessoas envolvidas (parentes, amigos) ou de empregados (formais ou não) e que tenham, ainda, o objetivo da obtenção de lucro para seus sócios e estejam em ponto fixo (excluem-se, portanto, ambulantes de forma geral).

**Quadro 7 – Relação dos endereços da Vila São Pedro – São Bernardo do Campo – SP**

1	Avenida Amazonas	32	Passagem Peruíbe
2	Avenida Dom Pedro de Alcântara	33	Passagem Prosperidade
3	Avenida Jardim	34	Passagem 15 de Novembro
4	Passagem Alto da Bela Vista	35	Passagem Santa Cruz
5	Passagem Avilan	36	Passagem Santo Antonio
6	Passagem Bahia	37	Passagem São João Del Rei
7	Passagem Beira-Rio	38	Passagem São Judas Tadeu
8	Passagem Bueno Vilela	39	Passagem São Paulo
9	Passagem Central	40	Passagem São Roque
10	Passagem Chico Mendes	41	Passagem São Tomé
11	Passagem Constituinte	42	Passagem Tertuliano Junior
12	Passagem da Árvore	43	Passagem Ubirajara
13	Passagem da Bica	44	Passagem União
14	Passagem da Bondade	45	Passagem 27 de Agosto
15	Passagem da Comunidade	46	Rua da Bondade
16	Passagem das Estrelas	47	Rua da Conquista
17	Passagem das Laranjeiras	48	Rua das Chácaras
18	Passagem das Rosas	49	Rua das Margaridas
19	Passagem do Oleoduto	50	Rua dos Pássaros
20	Passagem dos Amigos	51	Rua dos Pioneiros
21	Passagem dos Nordestinos	52	Rua Edson de Queiróz
22	Passagem dos Pássaros	53	Rua Flor de Maio
23	Passagem dos Unidos	54	Rua Floral
24	Passagem Guimarães Rosa	55	Rua Gerônimo dos Santos
25	Passagem Joana D´Arc	56	Rua Helena Aparecida Secol
26	Passagem João XXIII	57	Rua Javanês
27	Passagem Maria Erminia de Jesus	58	Rua Josimo de Tavares
28	Passagem Maringá	59	Rua Primeiro de Maio
29	Passagem Monte das Oliveiras	60	Rua Tom Jobim
30	Passagem Nascer do Sol	61	Rua Tributino Nunes
31	Passagem Paraná	62	Viela Dois Jardins

Fonte: Elaborado pelo autor



#### 4. RESULTADOS E ANÁLISE

Foram detectadas 461 empresas ao longo da Avenida Dom Pedro de Alcântara e imediações. Dessas, 55% são empresas comerciais, 38% são empresas de serviços, 5% são micro indústrias e 2% se enquadram em outros tipos de organização (igrejas e associações, por exemplo). O quadro a seguir traz os tipos de empresas e respectivas quantidades na comunidade.

**Quadro 8 – Distribuição dos Tipos de Empresas – Vila São Pedro**

TIPO DA EMPRESA	No.	TIPO DA EMPRESA	No.
Academias de Ginástica	3	Gráficas Rápidas	3
Acessórios Automotivos	2	Igreja Católica	2
Açougues	2	Igreja Evangélica	24
Agências de Viagens	1	Lan Houses	3
Assistência Técnica Eletrônicos	4	Lava-Rápidos	4
Assistência Técnica Linha Branca	3	Lingerie	3
Auto-Elétricos	3	Locação de Equipamentos Construção civil	1
Auto-Peças	8	Locadora de DVD	1
Avícolas	4	Lojas de 1,99	4
Bancas de Jornais	1	Lojas de DVD alternativo (fimes e games)	2
Bancas Diversas	10	Lotéricas	2
Bares	27	Marcenarias	5
Bazares/Armarinhos/Papelarias	24	Marmoraria	1
Bicicletarias	2	Materiais de Construção	22
Bijouterias	3	Materiais de Limpeza	2
Borracharia	4	Mercadinho/Mercearia	7
Brechós	3	Móveis	4
Cabelereiros	45	Móveis Usados	3
Calçados	8	Oficinas de Autos	15
Chaveiros	2	Oficinas de Motocicletas	2
Corretores de Seguros	1	Óticas	4
Dentistas	9	Padarias	8
Depósitos de Bebidas/Adegas	5	Perfumarias	6
Despachantes	2	Pet Shops	6
Distribuidores de Água	3	Pizzarias	2
Doçarias	10	Produtos de Informática	5
Embalagens/Descartáveis	3	Produtos Eletrônicos	4
Enxoval	2	Produtos Nordestinos	5
Escolas de Ballet	1	Quitandas	7
Escolas de Educação Infantil (Creche)	4	Restaurantes/Lanchonetes	11
Escritório de Advocacia	4	Roupas Adulto	39
Escritório de Contabilidade	1	Roupas Infantis	4
Fábrica de Móveis	1	Salões de Festas	4
Fábrica de Roupas (uniformes escolares)	1	Sapateiros	2
Fábrica de Salgados	6	Serralherias	5
Fábrica de Ternos	1	Sorveterias	6
Farmácias	8	Supermercados	6
Floriculturas	1	Vidraçarias	2
Fotos e revelação	2		
Funilarias	1		

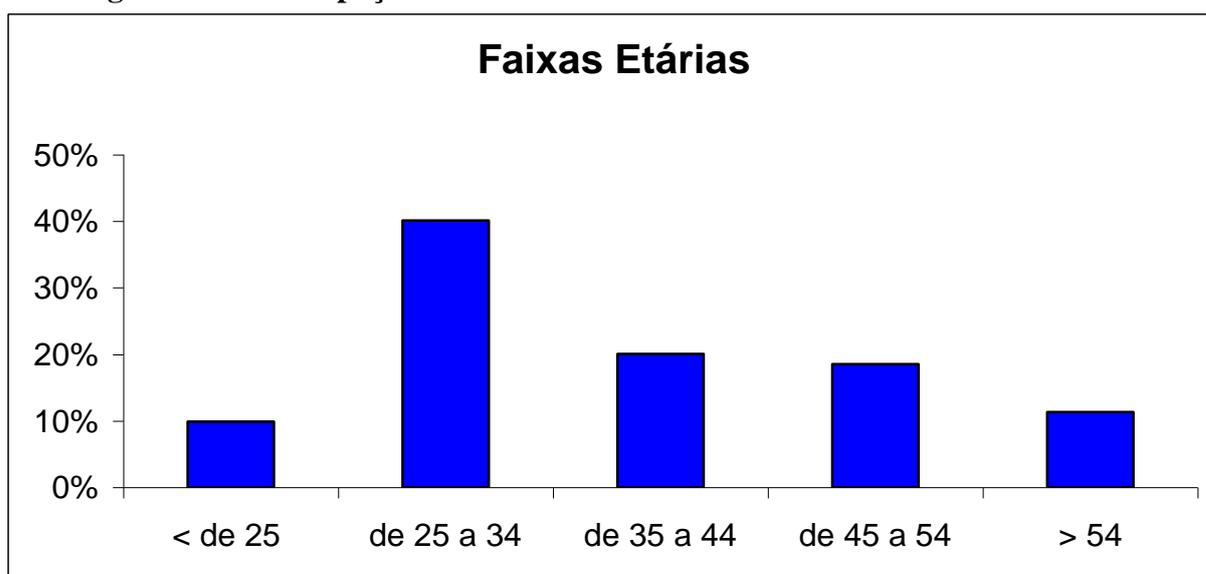
Fonte: O autor

#### 4.1 – O perfil do empresário: Vila x GEM 2011

Dos empresários participantes da pesquisa, 58% deles são do sexo masculino e 42% são mulheres. Evidenciou-se, portanto, uma maior inclinação masculina à frente da operação dos negócios, conforme constatou o estudo de Gupta *et al* (2009 *apud* GEM, 2011), no qual o empreendedor é percebido como uma figura masculina. Existe, por conseguinte, uma leve diminuição da participação feminina nos negócios da comunidade, se comparada às informações do GEM 2011, o qual aponta que no Brasil 49% dos empreendedores são mulheres.

No tocante à faixa etária, o estudo detectou que apenas 10% dos entrevistados têm menos de 25 anos de idade; 40% têm entre 25 e 34 anos; 20% estão na faixa etária entre 35 e 44 anos; 19% entre 45 e 54 anos e 11% têm mais de 54 anos. Para efeito deste estudo, adotou-se a mesma classificação etária do GEM 2011, tendo em vista a possibilidade da comparação desta pesquisa com a realizada na comunidade de Vila São Pedro.

**Figura 15 – Participação Percentual conforme Faixa Etária – Vila São Pedro**

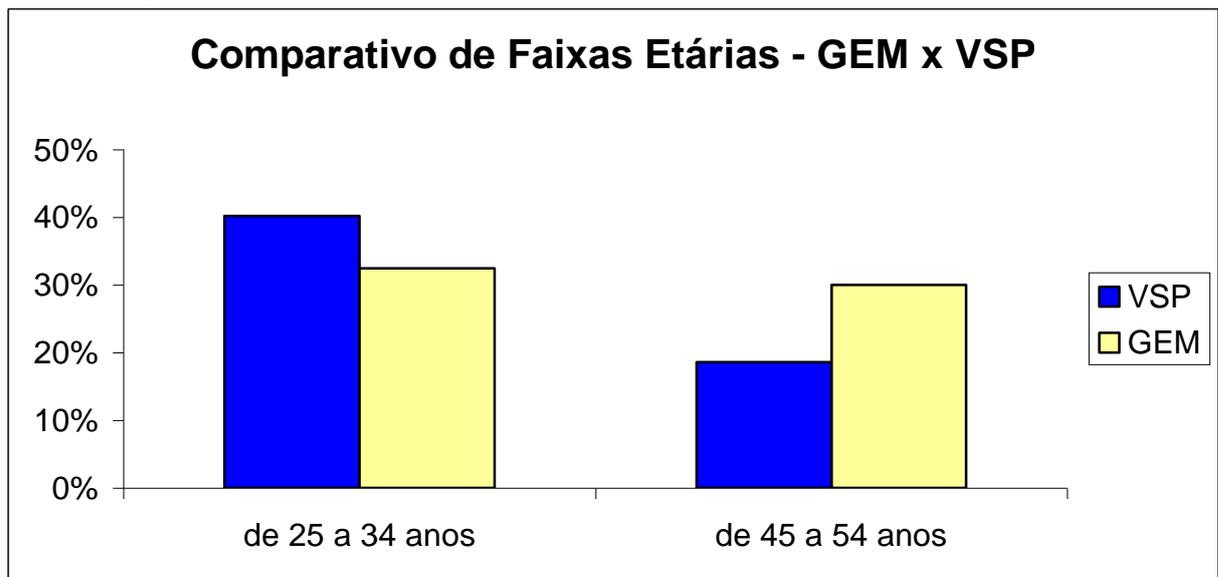


Fonte: Elaborado pelo autor

Ao se comparar as faixas etárias dos empreendedores da Vila São Pedro e os demais em nível Brasil, conforme o GEM 2011, fica evidenciada uma maior participação dos empresários com idades entre 25 a 34 anos da Vila São Pedro (40%), contra 32,45% dos empreendedores em nível nacional.

Quando a faixa etária salta para a classe de 45 aos 54 anos, a situação se inverte. Enquanto o relatório GEM (2011) aponta que 30% dos seus pesquisados estão nessa faixa etária, a pesquisa na Vila São Pedro detectou que apenas 19% dos respondentes pertencem a esse grupo. Existe, numa primeira observação, uma concentração de participantes com idade até 34 anos, representando aproximadamente 50% da amostra.

**Figura 16 – Percentual das Faixas Etárias - GEM 2011 x Vila São Pedro**



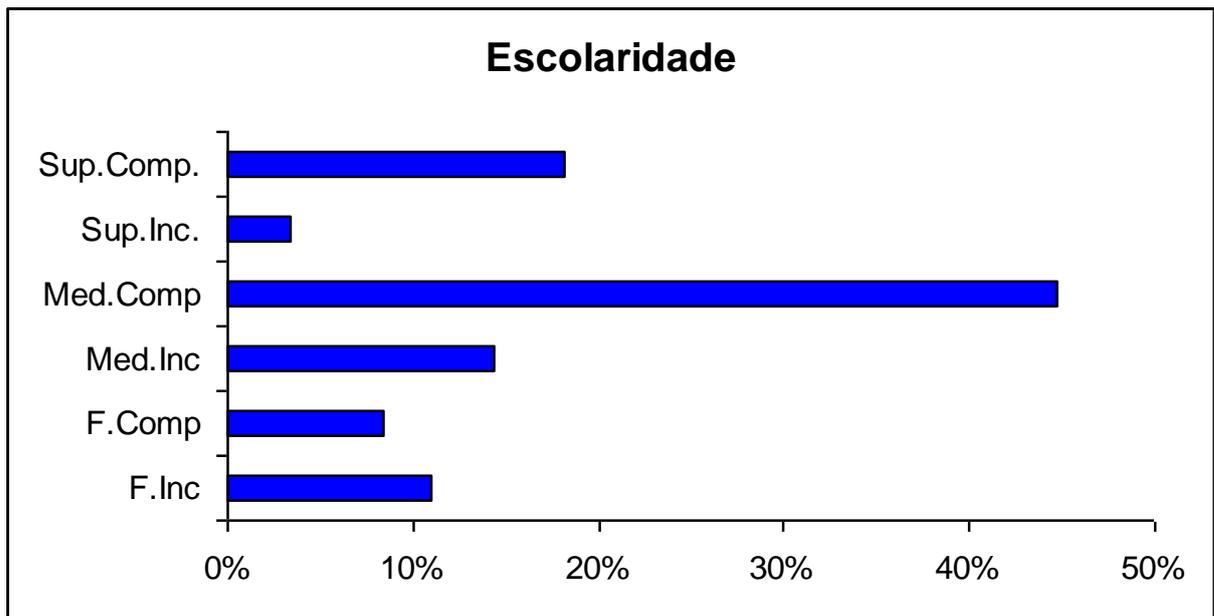
Fonte: Elaborado pelo autor

A pesquisa detectou que dos respondentes 73% declaram-se como casados e 27% como solteiros. Todos são brasileiros, sendo 48% paulistas, 16% paraibanos, 10% são piauienses, 9% pernambucanos, 8% mineiros, 4% baianos e 5% cearenses. Desses 46% moram na comunidade, 42% moram em outros lugares e outros 12% já moraram na comunidade.

De forma análoga à classificação das faixas etárias, também foi utilizado o GEM 2011 para a classificação do nível de escolaridade dos respondentes. As classes foram definidas pela pesquisa como: Nenhuma escolaridade, fundamental completo e incompleto, médio completo e incompleto, superior completo e incompleto e pós-graduado.

Nos resultados da pesquisa, nenhum respondente afirmou não possuir nenhuma escolaridade. Da mesma forma, também não foi confirmado nenhum empresário com pós-graduação. A distribuição dos níveis de escolaridade foram: Ensino fundamental completo e incompleto 19%; Ensino médio completo e incompleto 59%; superior completo e incompleto 22%.

**Figura 17 – Escolaridade - Vila São Pedro**



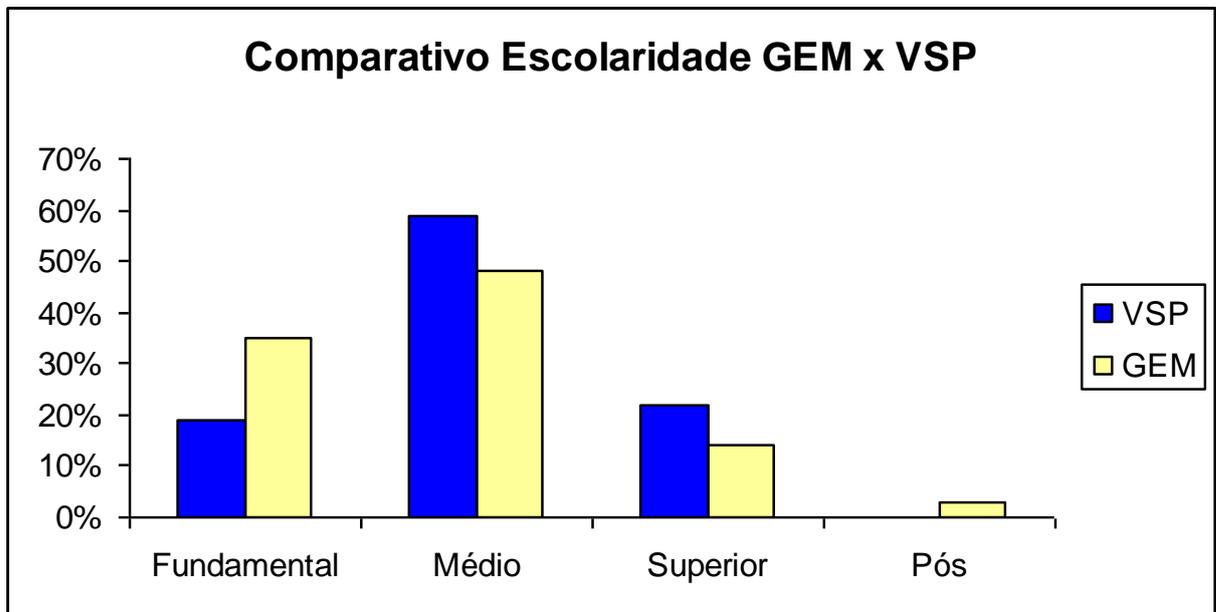
Fonte: Elaborado pelo autor

Ao se comparar o GEM 2011 e a pesquisa, percebe-se que o nível de escolaridade dos empresários da comunidade é relativamente maior que a média registrada pelo *Global Entrepreneurship Monitor*.

Considerando-se até o Ensino fundamental completo, o GEM registra 35% dos pesquisados, enquanto a Vila São Pedro atinge da marca de 19% dos pesquisados. Todavia, quando o nível de escolaridade aumenta, passando ao nível médio, a Vila São Pedro registra a marca de 59%, contra 48% do GEM.

Essa diferença se acentua ainda mais quando se estuda o número de pessoas que cursam ou cursaram o Ensino superior. Na Vila São Pedro o percentual atinge 22% dos respondentes, enquanto o percentual detectado pelo GEM é de apenas 14% dos pesquisados.

**Figura 18 – Níveis de Escolaridade - GEM 2011 x Vila São Pedro**



Fonte: Elaborado pelo autor

O grande número de empresários com nível médio e superior pode ser um dos elementos que promovem a multiplicação dos negócios na comunidade. Os estudos podem não ser a certeza de sucesso, mas são um bom início, conforme afirmam Wadhwa, Freeman e Rissing (2008 *apud* GEM, 2011). A relação entre o nível escolar e a opinião sobre sua importância, pôde ser confirmada pelas respostas da questão de número 30.

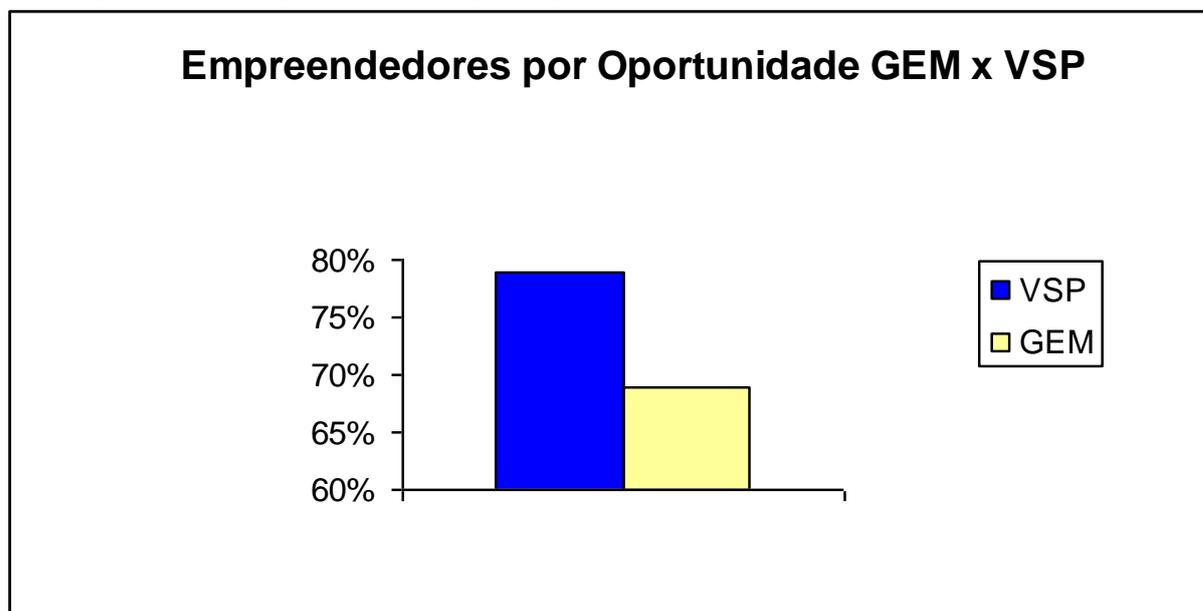
Nela 71% dos respondentes “*concordam muito*” que o ensino regular (fundamental, médio e superior) ajuda nos negócios, 15% “*concordam pouco*” e apenas 14% “*discordam pouco*”.

Muito embora tenham se registrado números que merecem destaque em relação à educação formal, o mesmo não se pôde dizer em relação à formação contínua, através de cursos e palestras realizadas para o aperfeiçoamento profissional e de gestão do negócio. Aproximadamente 87% dos empresários sequer sabem o que é o SEBRAE ou então nunca usaram seus serviços ou fizeram seus cursos. Mais de 60% dos respondentes não realizaram nenhum tipo de curso para seu negócio, seja ele técnico ou de gerenciamento. Esse posicionamento avesso aos cursos se coaduna à resposta de mais de 90% dos respondentes que consideram a prática adquirida no cotidiano, na operação do negócio, mais importante que qualquer tipo de curso de aperfeiçoamento.

O conhecimento popular através da práxis se reforça e se perpetua neste tipo de empresa, replicando erros e acertos cometidos anteriormente.

No que se refere à razão pela qual o negócio foi iniciado, o GEM 2011 divide os empreendedores em dois grandes grupos: empreendedores por necessidade e por oportunidade. Enquanto os primeiros iniciam seu negócio por não possuírem alternativas de uma renda melhor, o segundo o faz por razões e inclinações pessoais, por estarem à frente de um empreendimento, assumindo riscos calculados, tendo maior liberdade e autonomia em sua atividade.

**Figura 19 – Empreendedores por Oportunidade - GEM 2011 x Vila São Pedro**



Fonte: Elaborado pelo autor

A pesquisa detectou que 79% dos empresários na Vila São Pedro iniciaram suas atividades buscando a oportunidade em um negócio próprio, enquanto apenas 21% passaram a empreender por não conseguir emprego. O percentual verificado pela pesquisa GEM 2011, em nível nacional, atingiu o percentual de 69% dos empreendedores que iniciam suas atividades por oportunidade.

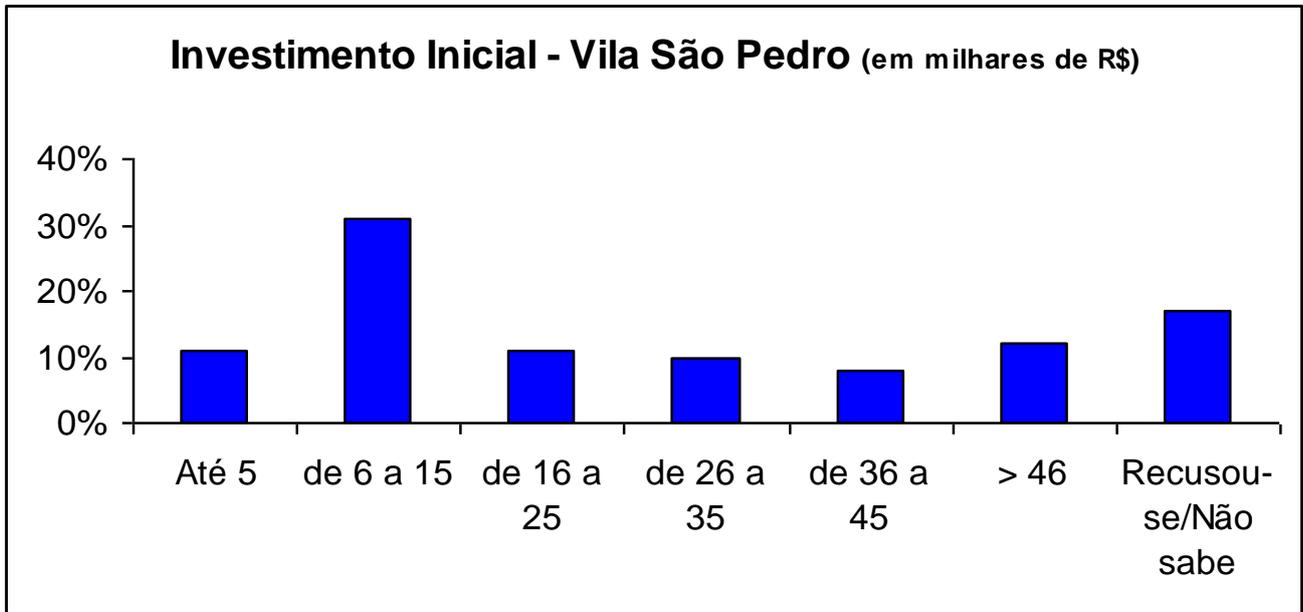
Quando perguntados sobre a fonte inicial de recursos, para dar início ao intento de empreender, a opção “*recursos próprios*” foi a resposta dada por 80% dos pesquisados. Outros 20% disseram que obtiveram recursos com um parente próximo.

Chama a atenção o fato de nenhum dos respondentes ter se referido a financiamentos ou empréstimos bancários, muito embora, conforme a questão 15, que 69% dos empresários recorram a bancos quando necessitam de recursos para sua empresa; 18% buscam junto a familiares e 13% não pedem ou não necessitam de apoio financeiro.

Informalmente, durante a aplicação dos formulários, pelo menos 23 empresários disseram que tiveram grandes dificuldades na obtenção dos recursos financeiros junto aos

bancos, sejam eles privados ou públicos para iniciar seu negócio. Segundo eles, a burocracia e as exigências feitas pelas instituições financeiras desestimulam o empreendedor iniciante.

**Figura 20– Investimento Inicial - Vila São Pedro**



Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados percentuais referentes às faixas de gastos iniciais do empreendimento foram: 11% dos pesquisados gastaram até R\$ 5.000,00; de R\$ 16.000,00 a R\$ 25.000,00 também 11%; na faixa de R\$ 26.000,00 a R\$ 35.000,00 10% dos respondentes; na faixa de R\$ 36.000,00 a R\$ 45.000,00 totalizaram 8% e gastos maiores que R\$ 46.000,00 atingiram 12%. Recusaram-se ou não souberam responder 17% dos empresários. A classe compreendida entre R\$ 6.000,00 e R\$ 15.000,00 foi a que registrou um maior número de respondentes, num total de 81 empresários, representando 31% dos respondentes.

O “*espírito empreendedor por oportunidade*” ao qual se refere o GEM, encontrado na maioria dos empresários da Vila São Pedro pôde ser ratificado pelas respostas dadas à questão de número 20, a qual perguntava se ele tivesse oportunidade deixaria de ser empresário e passaria a trabalhar com carteira assinada na qualidade de empregado.

Apenas 3% optaram por essa resposta, reforçando o estudo de Bygrave (2004 *apud* GEM, 2011), no qual, segundo o autor, empreender é muito recompensador, seja do ponto de vista da realização pessoal e/ou financeira.

Outra pergunta que reforça a idéia da sua permanência como empresário, refere-se à renda, caso ele viesse a se tornar empregado: dos respondentes 63% discordam que sua renda seria maior como empregado, deixando claro que na qualidade de empresários sua renda é, em primeira análise, maior. No quesito renda, muitos dos respondentes mostraram-se reticentes ou lacônicos à pergunta, sendo que 3% deles recusaram-se a respondê-la.

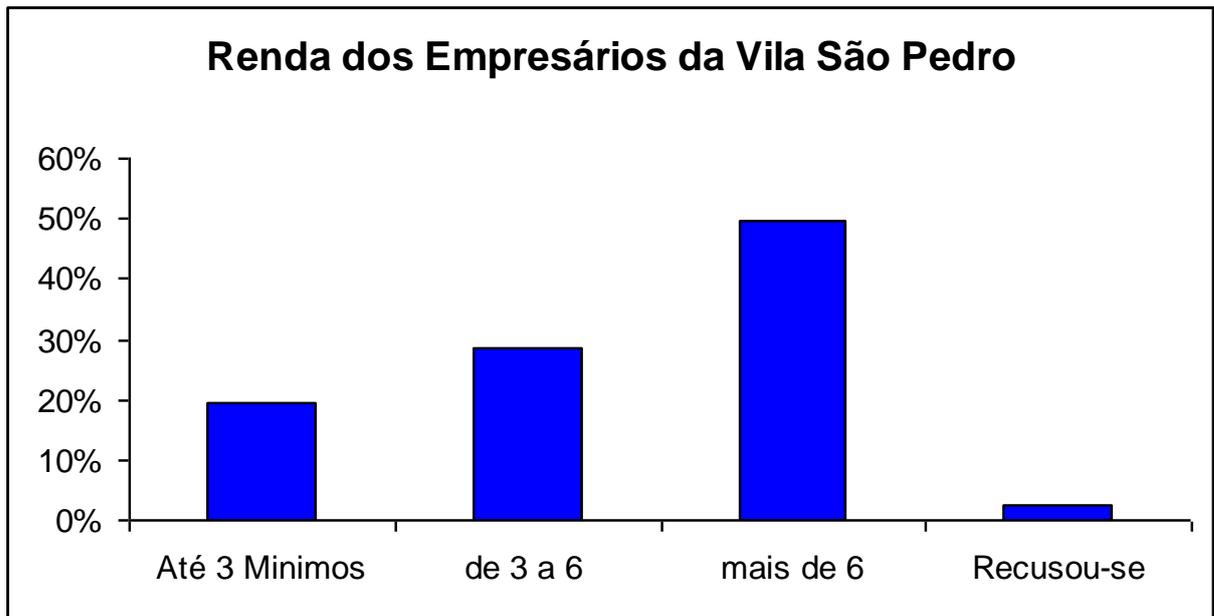
Ainda na qualidade de empresários ficou evidente a preocupação dos empreendedores quando o assunto trata de seguro social: mais de 80% dos respondentes pagam INSS como pessoas físicas, preparando sua futura aposentadoria.

Dos empresários da Vila São Pedro, 19% disseram ter uma renda mensal de até 03 salários mínimos<sup>4</sup> ou R\$ 1.866,00, 28% informaram uma renda de 03 a 06 mínimos (de R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00) e 50% informaram que sua renda é maior que 06 mínimos (mais de R\$ 3.732,00). Estes últimos, conforme classificação do IBGE (2010), estão próximos à classe AB (renda maior que R\$ 4.591,00), inseridos no extrato de 22,5 milhões de pessoas mais ricas do país (IBGE, 2010).

Ao seu tempo, o GEM 2011 traz em seu relatório que 54% dos empreendedores brasileiros possuem renda menor que três salários mínimos; 33% possuem renda de 3 a 6 mínimos e 13% possuem renda maior que 6 mínimos. Na realização da pesquisa procurou-se deixar claro que a renda do empresário não se referia ao **faturamento** da empresa. A renda seria a retirada *pro labore*, enquanto o faturamento era referente às entradas de caixa provenientes do funcionamento regular da empresa.

---

<sup>4</sup> Valor base de 01/01/2012 – Salário mínimo nacional: R\$ 622,00 (seiscentos e vinte e dois reais), conforme artigo 1º. do Decreto 7.655 de 23 de dezembro de 2011.

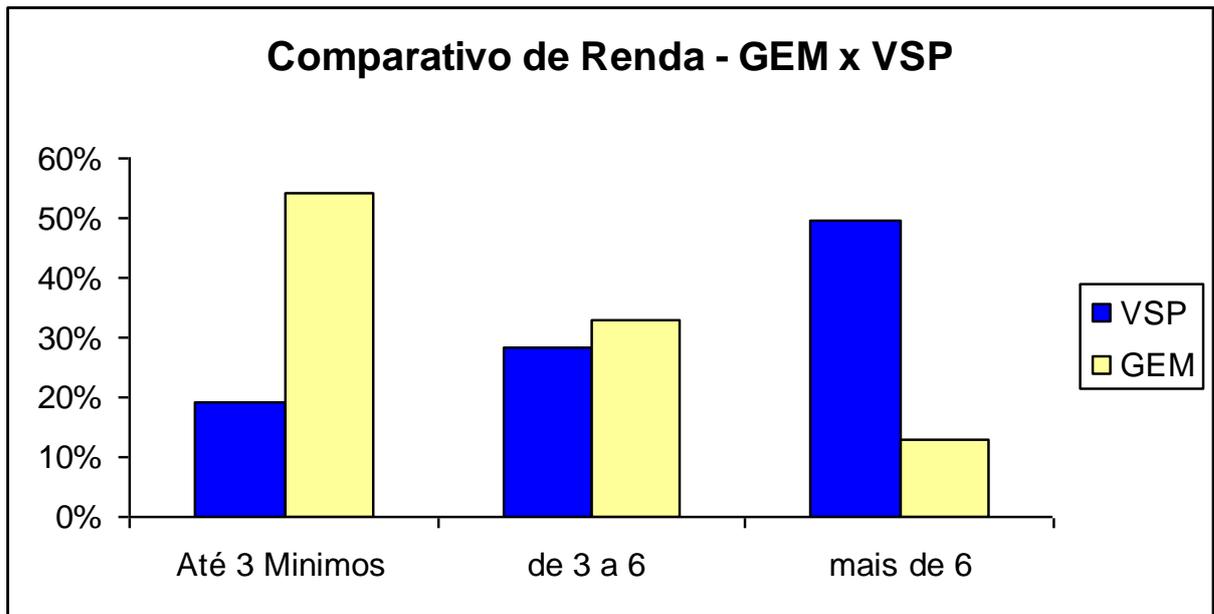
**Figura 21 – Renda dos Empresários – Vila São Pedro**

Fonte: Elaborado pelo autor

Os percentuais apresentados pela pesquisa na Vila São Pedro, na faixa de renda maior que 6 mínimos, são aproximadamente quatro vezes maiores que em nível nacional apresentados pelo GEM 2011.

Mesmo diante desse nível de renda proporcionada aos empresários da Vila São Pedro, 44% discordam que sua renda seria ainda maior, caso a empresa se localizasse mais próxima ao centro da cidade.

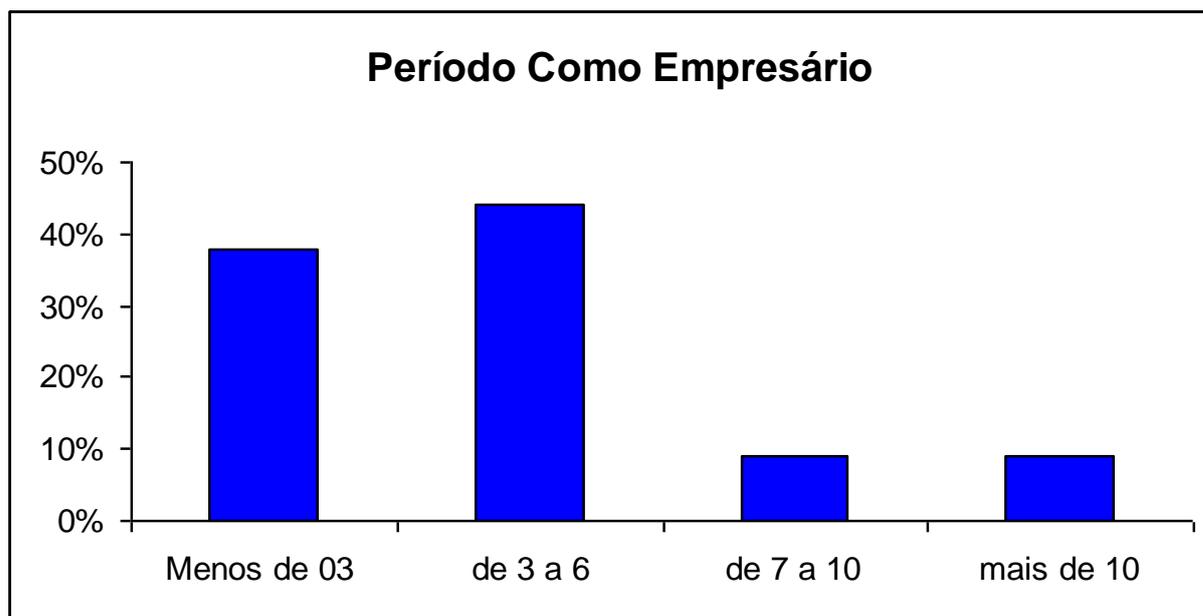
**Figura 22 – Renda dos Empresários – GEM 2011 x Vila São Pedro**



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao se abordar há quanto tempo o respondente atua como empresário, 44% afirmaram que atuam de 3 a 6 anos; de 7 a 10 anos 9% e mais de 10 anos outros 9%. Com menos de 3 anos foram registrados 38% dos respondentes.

O tempo de atuação como empresário pode ser, conforme afirmam Duarte, Scheer, Cassapo; Delamea (2011 *apud* GEM, 2011), um reflexo da busca de melhores condições de vida e de oportunidades.

**Figura 23 – Período que atua como Empresário – Vila São Pedro**

Fonte: Elaborado pelo autor

O que se procurou nessa pergunta foi descobrir há quanto tempo o respondente é empresário e não há quanto tempo existe o negócio do qual ele está à frente. Da mesma forma em relação ao faturamento da empresa e a renda do empresário. Na maioria dos casos, existe uma zona cinzenta entre a figura do empresário e o negócio em si mesmo. Empresário e empresa se mesclam e se confundem, não havendo uma linha demarcatória exata entre eles.

Muito embora o fulcro do presente trabalho seja a figura do empresário em comunidades de baixa renda, invariavelmente alguns questionamentos acerca das empresas também se fazem necessários. O primeiro deles é se a empresa é ou não uma novidade para os clientes, alinhando a questão do empreendedorismo à inovação, tal qual cunhou Schumpeter (1964).

Os prestadores de serviço, comerciantes e pequenos industriais da Vila São Pedro não são direcionados à inovação ou criação de produtos e serviços, pela própria natureza da operação de negócios da região.

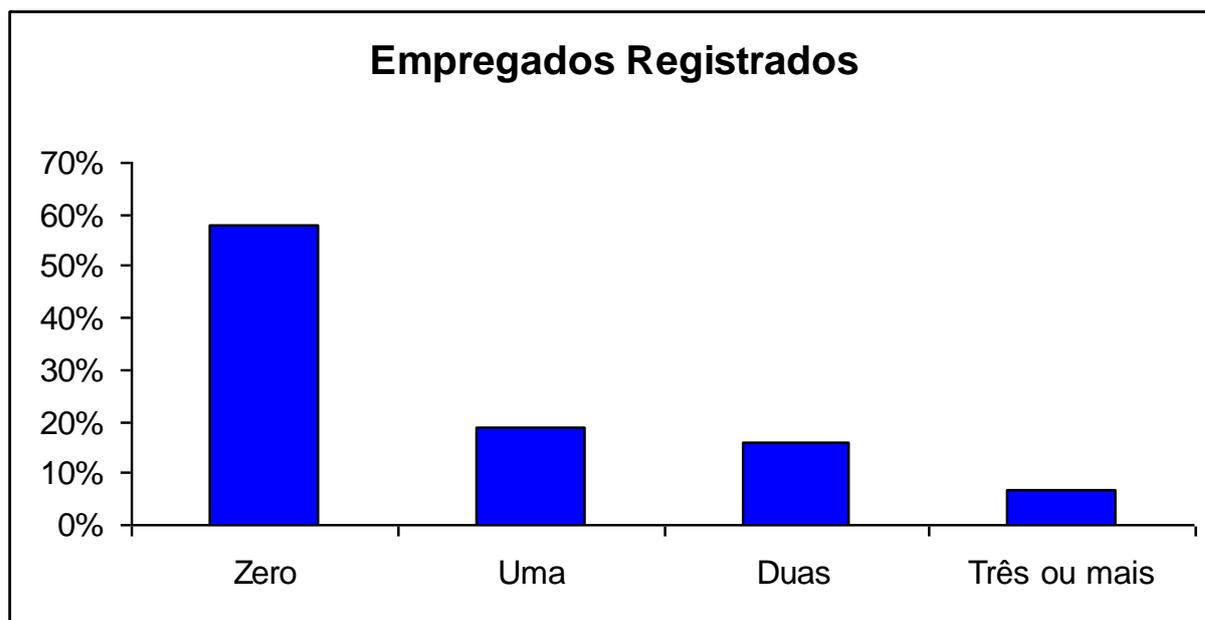
Tal consideração é ratificada quando perguntados se o seu produto ou serviço tratava-se de algum tipo de novidade para seus clientes. Da amostra todos responderam negativamente, tratando-se, portanto, de algo comum e de amplo domínio ou simples replicação de atividades já existentes.

Por tratar-se de empresas em uma comunidade, outro questionamento pode surgir, no que tange ao fato das empresas serem legais ou não. Para responder a essa pergunta em particular evitando qualquer situação desconfortável com o empresário, a pergunta realizada foi se a empresa possuía inscrição junto ao Ministério da Fazenda, no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ). Dos empresários pesquisados, 75% disseram possuir CNPJ e outros 25%, mesmo com portas abertas e funcionando normalmente, eram empresas informais, à margem da fiscalização, principalmente em nível federal.

Não fugindo da linha condutora da legalidade, perguntou-se quantas pessoas trabalhavam com o empresário (registradas ou não). A pesquisa mostrou que tratando-se de pessoas com registro em carteira, 58% das empresas não possuem empregados nesta condição; 19% apenas uma; 16% duas e 7% das empresas contam com mais empregados.

No que se refere à ausência de carteira assinada, 49% das empresas não têm nenhum funcionário trabalhando informalmente; 26% apenas um; 18% possuem dois empregados na informalidade e apenas 7% contam com três ou mais empregados nessa condição.

Ao serem perguntados se aumentariam seu quadro de funcionários, apenas 13% disseram que fariam admissões, enquanto 87% alegaram que não tinham a intenção de criar novos postos de trabalho.

**Figura 24 – Empregados com Registro em Carteira – Vila São Pedro**

Fonte: Elaborado pelo autor

Após a tabulação dos dados iniciais, pode-se configurar um quadro resumo, acerca das principais características do perfil dos empresários atuantes na comunidade de Vila São Pedro:

**Quadro 9 - Resumo do Perfil dos Empresários da Comunidade**

DESCRIÇÃO	PERCENTUAL
Brasileiro	100%
Sexo masculino	58%
Idade entre 25 e 34 anos	40%
Casado	73%
Paulista	48%
Mora ou morou na comunidade	58%
Estudou até o ensino médio	59%
Comerciante	55%
Renda maior que 06 mínimos	50%
Iniciou o negócio por "oportunidade"	79%
Iniciou o negócio c/ recursos próprios	80%
Experiência de 3 a 6 anos	44%
Paga previdência (INSS)	80%
Recorre a bancos quando precisa	69%
Não deixaria de ser empresário	97%
Não realizou cursos de aperfeiçoamento	60%
Acredita que os estudos ajudam na empresa	71%
Acredita que a prática é mais importante	90%
Nunca utilizou serviços do SEBRAE	87%
Possui a empresa legalizada	75%

Fonte: Elaborado pelo autor

## 4.2 – Os empresários da Vila e suas opiniões

Nesta etapa procurou-se investigar as opiniões dos empresários no que tange a:

- a-) Morando ele na comunidade, se iria para outro local, se tivesse tal oportunidade;
- b-) Se ele foi discriminado por ter a empresa na comunidade;
- c-) Se ele mudaria o negócio para outra praça;
- d-) Se sua renda seria maior como empregado;
- e-) Se a prática é mais importante que a teoria;
- f-) Se a empresa fosse no centro da cidade sua renda seria maior;
- g-) Se os estudos podem ajudar nos negócios.

Procurou-se, ainda, verificar se o gênero, faixa etária, escolaridade e renda influenciam incisivamente tais decisões.

**Quadro 10 – Resumo das Opiniões dos Empresários - Vila São Pedro**

Pergunta:	Gradação "Concordo/Discordo"			
	Concordo Muito	Concordo Pouco	Discordo Muito	Discordo Pouco
24) Se eu tivesse oportunidade eu me mudaria com minha família da comunidade.	8,7%	4,5%	31,4%	55,4%
25) Já fui discriminado por ter minha empresa na comunidade.	13,6%	15,2%	67,4%	3,8%
26) Se eu tivesse oportunidade mudaria minha empresa para qualquer outro lugar.	3,0%	17,4%	75,4%	4,2%
27) Se eu trabalhasse de empregado, minha renda seria maior.	6,8%	30,7%	51,9%	10,6%
28) A prática do dia a dia é mais importante que qualquer tipo de curso.	41,3%	49,8%	2,7%	6,2%
29) Se a empresa estivesse no centro da cidade minha renda seria maior.	13,6%	41,7%	28,4%	16,3%
30) O estudo regular (ensino fundamental, médio e superior) ajuda nos negócios.	70,8%	15,2%	14,0%	0,0%

Fonte: Elaborado pelo autor

A pesquisa revelou que 46% dos empresários moram na comunidade; 41% não moram e outros 13% já residiram na Vila São Pedro. Daqueles que moram na comunidade, 86% dos pesquisados preferem permanecer na comunidade, enquanto outros 14% se tivessem a oportunidade, sairiam em busca de outros locais para viver.

A questão de número 25 perguntava ao empresário se pelo fato de sua empresa localizar-se na comunidade ele já havia sofrido algum tipo de discriminação. Dos respondentes, apenas 29% responderam já terem sido discriminados por terem sua empresa em uma comunidade de baixa renda.

Na realização da pergunta 26, procurou-se averiguar se o empresário tivesse oportunidade mudaria sua empresa para qualquer outro local. Dos respondentes, 79% não mudariam sua empresa da comunidade.

O empreender é um processo dinâmico na criação de riquezas e um dos fatores facilitadores do desenvolvimento sócio-econômico de uma nação (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2009). A questão 27 investigou se a renda, na opinião do respondente, seria maior, caso ele se tornasse empregado. A pesquisa revelou que, aproximadamente, 63% dos respondentes crêem que sua renda é maior como empresário, enquanto 37% dos empresários acreditam que se tornassem empregados sua renda seria ainda maior.

A pergunta 28 questionou a importância do aprendizado teórico para o empresário, inquirindo se a prática cotidiana é mais importante que qualquer tipo de curso. Mais de 90% dos empresários julgam a prática mais importante que o lado acadêmico, dando maior importância da prática, em detrimento à teoria.

Outra opinião investigada foi a opinião do empresário acerca da localização do negócio em relação ao centro da cidade (pergunta 29). Aproximadamente 55% dos empresários crêem que sua renda seria maior, caso a empresa se localizasse no centro.

A pergunta 30 do formulário trazia a questão se o estudo regular (ensino fundamental, médio e superior) ajudaria nos negócios. Mesmo valorizando a prática, conforme constatado na pergunta 28, aproximadamente 86% dos respondentes acreditam que o ensino pode ajudar nos negócios.

### 4.3 – O cruzamento de dados e os testes estatísticos

Os quadros a seguir resumem as opiniões dos entrevistados, como também, se gênero, idade, escolaridade e renda influenciam suas respostas. Para se facilitar a compreensão, as respostas “*concordo muito / concordo pouco*” foram unificadas como “*concordo*” e as “*discordo muito / discordo pouco*” apenas como “*discordo*”.

**Quadro 11 – Teste Mann-Whitney – Gênero**

Assertivas	Sexo Masculino		Sexo Feminino		Teste Mann-Whitney
	Concorda	Discorda	Concorda	Discorda	
a) Me mudaria da comunidade...	14,9%	85,1%	10,9%	89,1%	7957.000**
b) Já fui discriminado...	28,6%	71,4%	29,1%	70,9%	8456.000**
c) Mudaria minha empresa...	20,7%	79,3%	20,0%	80,0%	8428.000**
d) Empregado, maior renda...	38,3%	61,7%	36,3%	63,7%	8380.500**
e) A prática é mais importante...	89,6%	10,4%	93,6%	6,4%	7752.000**
f) centro, maior renda...	58,4%	41,6%	50,9%	49,1%	7754.000**
g) Estudos ajudam...	86,4%	13,6%	85,5%	14,5%	8230.000**

\*  $p < 0,05$  / \*\*  $p > 0,05$

Fonte: Elaborado pelo autor

Através da análise dos resultados, verificou-se conforme o quadro acima, que existem diferenças percentuais entre os gêneros, muito embora tais considerações não sejam significantes, conforme o teste estatístico não paramétrico aplicado. O gênero, portanto, não influenciou as respostas da pesquisa.

**Quadro 12 - Teste Kruskal-Wallis – Idade**

Assertivas	Até 34 anos		De 35 a 54 anos		55 anos ou mais		Teste Kruskal-Wallis
	Concorda	Discorda	Concorda	Discorda	Concorda	Discorda	
a) Me mudaria da comunidade...	9,9%	90,1%	14,7%	85,3%	23,3%	76,7%	2.437**
b) Já fui discriminado...	29,6%	70,4%	27,4%	72,6%	30,0%	70,0%	0.540**
c) Mudaria minha empresa...	18,2%	81,8%	20,6%	79,4%	30,0%	70,0%	1.814**
d) Empregado, maior renda...	34,8%	65,2%	37,2%	62,8%	50,0%	50,0%	2.097**
e) A prática é mais importante...	91,6%	8,4%	89,2%	10,8%	96,6%	3,4%	0.744**
f) centro, maior renda...	51,5%	48,5%	62,8%	37,2%	46,7%	53,3%	3.493**
g) Estudos ajudam...	85,7%	14,3%	86,3%	13,7%	86,6%	13,4%	0.090**

\*  $p < 0,05$  / \*\*  $p > 0,05$

Fonte: Elaborado pelo autor

De forma similar, o quesito idade, também possui variações percentuais em suas respostas, conforme a faixa etária do participante. Todavia, estatisticamente pode-se afirmar, com base nos resultados do teste, que a idade também não seja significativa nas respostas.

**Quadro 13 - Teste Kruskal-Wallis – Escolaridade**

Assertivas	Até fundamental completo		Até ensino médio completo		Superior completo		Teste Kruskal-Wallis
	Concorda	Discorda	Concorda	Discorda	Concorda	Discorda	
a) Me mudaria da comunidade...	18,0%	82,0%	10,2%	89,8%	12,3%	87,7%	6.267*
b) Já fui discriminado...	27,0%	73,0%	29,7%	70,3%	29,8%	70,2%	1.383**
c) Mudaria minha empresa...	20,2%	79,8%	17,8%	82,2%	26,4%	73,6%	0.578**
d) Empregado, maior renda...	36,0%	64,0%	39,8%	60,2%	35,1%	64,9%	0.498**
e) A prática é mais importante...	88,7%	11,3%	92,4%	7,6%	93,0%	7,0%	2.242**
f) centro, maior renda...	56,2%	43,8%	52,5%	47,5%	59,7%	40,3%	1.345**
g) Estudos ajudam...	82,0%	18,0%	88,1%	11,9%	87,7%	12,3%	1.660**

\*  $p < 0,05$  / \*\*  $p > 0,05$

Fonte: Elaborado pelo autor

A escolaridade é um dos únicos pontos que possuem significância, no que tange à sua mudança da comunidade (questão 24: “**Se eu tivesse oportunidade eu me mudaria com minha família da comunidade**”). Daqueles que moram na Vila São Pedro, os menos letrados tendem a se mudar (18%), com maior frequência, caso tivessem tal oportunidade, que os empresários com o ensino médio (10,2%) ou superior (12,3%).

**Quadro 14 - Teste Kruskal-Wallis – Renda**

Assertivas	Até R\$ 1.866,00		De R\$1.867,00 a R\$ 3.732,00		R\$ 3.733,00 ou mais		Teste Kruskal-Wallis
	Concorda	Discorda	Concorda	Discorda	Concorda	Discorda	
a) Me mudaria da comunidade...	5,9%	94,1%	17,4%	82,6%	14,5%	85,5%	1.870**
b) Já fui discriminado...	35,3%	64,7%	32,0%	68,0%	24,4%	75,6%	2.543**
c) Mudaria minha empresa...	23,5%	76,5%	18,7%	81,3%	19,9%	80,1%	1.311**
d) Empregado, maior renda...	45,1%	54,9%	29,4%	70,6%	39,7%	60,3%	5.676**
e) A prática é mais importante...	94,1%	5,9%	86,6%	13,4%	92,3%	7,7%	0.766**
f) centro, maior renda...	62,8%	37,2%	61,3%	38,7%	50,4%	49,6%	7.985*
g) Estudos ajudam...	86,2%	13,8%	92,0%	8,0%	84,7%	15,3%	0.110**

\*  $p < 0,05$  / \*\*  $p > 0,05$

Fonte: Elaborado pelo autor

O quesito renda não influencia a maioria das respostas de opinião, exceto a questão de número 29 “**Se a empresa estivesse no centro da cidade minha renda seria maior**”. Nesta,  $p < 0,05$ . Depreende-se, portanto, que as diferenças percentuais existentes entre as respostas não são significantes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema “favela” é lugar comum no meio acadêmico sob os prismas da Sociologia e Antropologia, no qual pesquisas se multiplicam nesse sentido. Publicações de caráter paternalista popularizam estereótipos, revelando seus moradores de maneira rasa e maniqueísta, como pobres, vítimas de um sistema injusto de distribuição de renda, deixados à própria sorte pelo Estado. Necessitados de toda sorte de programas sociais, praticamente incapazes de se integrarem à sociedade e se sustentarem pelo próprio esforço.

De outro lado, de forma análoga, são percebidos pelos reacionários que os taxam como marginais, rotulando-os meramente de “favelados”, sem nem mesmo conhecer um pouco mais de perto a dura realidade vivida por milhões de brasileiros.

Todavia, um fato não pode ser negado: O potencial econômico dessas comunidades e seu amplo espectro de oportunidades. A abordagem principal deste trabalho foi justamente buscar levantar o perfil dos bravos brasileiros que capitaneiam pequenos negócios nas favelas, conhecendo-os um pouco mais de perto, desconstruindo falsas generalizações que podem fazer parte do senso comum. Não foi a intenção deste trabalho ser um estudo sociológico, nem tampouco esgotar o assunto, mas sim, lançar luz sobre aqueles que tocam suas empresas nas comunidades, conhecendo-os um pouco mais.

Novos trabalhos acadêmicos podem futuramente surgir, como, por exemplo, pesquisas voltadas diretamente ao trabalho das mulheres nas comunidades, ou da relação entre a longevidade das empresas e a escolaridade de seus proprietários, da aplicação do micro crédito nas empresas das comunidades, dentre outras, propondo ações que reverberarão diretamente nas empresas e, por que não dizer, na vida de seus moradores.

A dinâmica da criação e desaparecimento das empresas também pode ser o mote de outras pesquisas. Do início do trabalho de campo, em meados de outubro de 2012 até o final

de janeiro de 2013, surgiram, pelo menos, três novas empresas. Uma delas, nas imediações da comunidade, é voltada à culinária oriental, na venda de *sushis*, algo inusitado, em primeira análise, para os consumidores de uma comunidade de baixa renda.

**Figura 25: Atendendo novos consumidores**



*Fonte: o autor*

Acreditar que comunidades não são um mercado promissor, pode traduzir-se em um erro crasso de posicionamento estratégico. De maneira semelhante, inferir que este público consome apenas produtos de baixo preço, não se importando com a qualidade, pode revelar-se outro ledô engano. As classes “C” e “D” crescem a olhos vistos.

Os “cês”, signos do consumo (Casa, carro, computador, crédito e carteira assinada), passaram a fazer parte do dia a dia de milhões de pessoas (NERI, 2008). Intuitivamente, muitos dos empresários atuantes na Vila São Pedro, ali se instalaram, e permanecem, gerando renda e proporcionando oportunidades de emprego para outros moradores.

Talvez, ao final do presente trabalho, aqueles que conhecem o universo das comunidades visto apenas pelo ângulo das telenovelas, possam ter uma visão mais aclarada. Devem rever seus conceitos principalmente os que acreditam que os negócios ali instalados se resumem a micro negócios informais, tendo como proprietários, moradores na comunidade, imigrantes nordestinos, com reduzida escolaridade e baixíssima renda. Não mais acreditar por impulso naquilo que as primeiras impressões traduzem, ou que os meios de comunicação disseminam, resultado de um *status quo* de exclusão e preconceito.

## 6. REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida – Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. São Paulo: **Espaço & Debates**, nº 37. Ano XIV, NERU, 1994.

ÁVILA, V. F. Formação **Educacional em Desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos**. Campo Grande: UCDB, 2000.

BIRLEY, Sue; MUZYKA Daniel F. **Dominando os Desafios do Empreendedor**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

BNDES - BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (Brasil). **Classificação de porte de empresa adotada pelo BNDES e aplicável a todos os setores**. Disponível em <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Navegacao\\_Suplementar/Perfil/porte.html](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Navegacao_Suplementar/Perfil/porte.html)>. Acesso em: 05 dez. 2012.

BOAVA, D.; MACEDO, F. Sentido axiológico do empreendedorismo. **Anais do XXXIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**. São Paulo, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília- DF: Senado, 1988.

CAMPOS, Andreilino de Oliveira. **Do Quilombo à Favela: A produção do espaço criminalizado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

COLBARI, Antonia de Lourdes. A retórica do empreendedorismo e a formação para o trabalho na sociedade brasileira. **Revista Sinais (UFES)**, v. 1, p. 1-28, 2007.

COSTA, Valéria Grace; NASCIMENTO José Antônio Sena do;. O Conceito de Favelas e Assemelhados Sob o Olhar do IBGE, das Prefeituras do Brasil e da ONU. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

COSTA, Alessandra Mello; BARROS, Denise Franca; CARVALHO, José Luis Felício. A Dimensão Histórica dos Discursos acerca do Empreendedor e do Empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea**. Curitiba, v. 15, n. 2, art. 1, pp. 179-197, Mar./Abr. 2011.

D'AVILA-NETO, Maria Inácia. **A porta, a ponte e a rede. Reflexões para pensar (o conceito de) rede e (o conceito de) comunidade**. Programa EICOS – Unesco/UFRJ, 2004. Disponível em: Disponível em <[http://www.eicos.psychology.ufrj.br/anexos/art\\_inapor.htm](http://www.eicos.psychology.ufrj.br/anexos/art_inapor.htm)> acessado 02 jan.2012.

DEGEN, Ronald Jean. **O Empreendedor: empreender como opção de carreira**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

DE MARCO, S. A. **Novas abordagens à promoção das pequenas empresas: um estudo do programa Sebrae de desenvolvimento de arranjos produtivos locais**. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003. p. 132.. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000295266>.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios**. Makron Books: São Paulo, 1986.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2006.

FAVELA. In: HOUAISS. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão Mono usuário 3.0 – Junho/2009 – Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009 CD ROM.

FILION, Louis J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários – gerentes de pequenos negócios. In: **Revista de Administração**. Vol. 34, n.2, p.05-28, Abril/Junho 1999.

\_\_\_\_\_. **O Empreendedorismo como tema de estudos superiores** (2000): palestra proferida no Seminário: “A universidade formando empreendedores”. Disponível em: <http://www.iel.org.br/programa/empreend/discur4html>>. Acesso em 15.fev.2012.

FONSECA, J. S.; MARTINS, G. A . **Curso de Estatística**. São Paulo: Atlas, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Empreendedorismo no Brasil: 2010**. Curitiba: IBQP, 2010.

\_\_\_\_\_. **Empreendedorismo no Brasil: 2011**. Curitiba: IBQP, 2011.

GODINHO, Marta Teresinha – **O Serviço Social nas Favelas – SP**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para Escola de Serviço Social, 1955.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P.; SHEPHERD, Dean A. **Empreendedorismo**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [homepage] 2001. Acessada em 15 fev. 2012. disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/microempresa/microempresa2001.pdf>>

\_\_\_\_\_. **As micro e pequenas empresas comerciais e de serviços no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

\_\_\_\_\_. [homepage] 2010. Acessada em 02 jan.2012. disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000006960012162011001721999177.pdf>>

\_\_\_\_\_. **Censo 2010**. publicação eletrônica [website]. Disponível em <[http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados\\_do\\_censo2010.php](http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php)> acessado em 01 jul.2012.

ICAZA, A.M. Sarria; TIRIBA, Lia. Economia Popular. In. CATTANI, A. David (org). **A Outra Economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

JAPAN FINANCE CORPORATION – JFC. **Annual Report 2011**. Tóquio, 2011.

JULIEN, Pierre-André. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2010.

KEHL, Luis. **Breve História das Favelas**. São Paulo: Claridade, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

\_\_\_\_\_. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

MEDICI, Ademir Roberto. **São Bernardo do Campo 200 anos depois. A história da cidade contada pelos seus protagonistas**. São Bernardo do Campo: PMSBC, 2012.

MINISTÉRIO DA FAZENDA. **Economia Brasileira em Perspectiva**. 15<sup>a</sup>. ed. Abril/2012. disponível em <<http://www.fazenda.gov.br/ebp>>. acessado em 20 jun.2012.

NASSIF, V.; SILVA, N.; ONO, A.; BONTEMPO, P.; TINOCO, T. Empreendedorismo: Área em Evolução? Uma Revisão dos Estudos e Artigos Publicados entre 2001 e 2008. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 175-192, jan./mar. 2010.

NERI, Marcelo Cortês. **A Nova Classe Média**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2008.

OBSERVATÓRIO DAS FAVELAS (Brasil). **O que é favela, afinal?** Disponível em: <[http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/acervo/view\\_text.php?id\\_text=16](http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/acervo/view_text.php?id_text=16)>. Acesso em: 20 fev. 2012.

OLIVEIRA, F. de. **Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo, Pólis-Programa Gestão Pública e Cidadania/EAESP/FGV, 2001. Disponível em: <<http://www.polis.org.br/download/46.pdf> .

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT **Global Employment Trends**. Genebra: ILO, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. United Nations Human Settlements Programme – UN-HABITAT. **Global Report On Human Settlements. The Challenge of Slums**. Londres: Earthscan Publications Ltd, 2003.

\_\_\_\_\_. United Nations Human Settlements Programme – UN-HABITAT. **What are slums and why do they exist?** Twenty Session of Governing Council 16-20 april 2007, Nairobi, Kenya.

PRAHALAD, C. K. **A Riqueza na Base da Pirâmide - Como erradicar a pobreza com o lucro**. São Paulo: Bookman, 2005.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Habitação - Notas Técnicas**: Conceitos de favela. Disponível em: <<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/index.php?sub=notas&cat=9&titulo=Habita%E7%E3o&subtit=%20-%20Notas%20T%E9cnicas>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

QUEIROZ, Suely R.R. de. Política e poder público na cidade de São Paulo 1889-1954. In: PORTA, Paula (Org.). **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX**. São Paulo: Paz e Terra, 2004, v. 3. p. 15-51.

RAZETO, Luis. Economia de Solidariedade e Organização Popular. In GADOTTI, M.; GUTIERREZ, F. (org.) **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 2003.

RECEITA FEDERAL DO BRASIL (Brasil). **Simples - Microempresa (ME) e Empresa de Pequeno Porte (EPP)**. Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/pessoajuridica/dipj/2004/pergresp2004/pr110a202.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas Cidades Brasileiras**. São Paulo: Contexto, 1988.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. Habitação em São Paulo. **Revista de Estudos Avançados** [online] n° 48, vol. 17, agosto de 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000200014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000200014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em 08. mai 2012

\_\_\_\_\_. O cortiço paulistano entre as ciências sociais e política. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n 44 p. 125-140 fev 2007.

SANTOS, Milton - **Ensaio sobre a urbanização latino-americana**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SAY, Jean Baptiste. **Tratado de Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Coleção Os Economistas. Obra publicada originalmente em 1803).

SBA U.S. SMALL BUSINESS ADMINISTRATION (Washington). **What is SBA's definition of a small business concern?** Disponível em: <<http://www.sba.gov/content/what-sbas-definition-small-business-concern>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre os lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Economistas. Obra publicada originalmente em 1964).

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (Org.). **Anuário do trabalho na micro e pequena empresa: 2010-2011**. 4a. Brasília: Dieese, 2011. 204 p.

\_\_\_\_\_. **Empreendedorismo**. Disponível em:  
<<http://www.sebrae.com.br/customizado/desenvolvimento-territorial/o-que-e/empreendedorismo>>. Acesso em: 18 fev. 2012.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 416 p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SIEGEL, Sidney. **Estatística Não-Paramétrica para as Ciências do Comportamento**. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 1975.

SILVEIRA, Amélia; ROPELATO, Márcio; VIEIRA Silvana Silva, NASCIMENTO Sabrina. Empreendedorismo em Diferentes Tipos de Organizações: Análise da Produção Científica na Base de Dados SciELO: 2004-2008. **Revista de Administração FACES**. v9 . n. 3 . p. 13-32 jul./set. 2010.

SME - **Organization for Small & Medium Enterprises and Regional Innovation, JAPAN**. Disponível em <<http://www.smrj.go.jp>>. Acesso em 20 abr. 2012.

TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. **Poder e Saúde: As Epidemias e a Formação dos Serviços de Saúde em São Paulo**. São Paulo: Unesp, 1996.

UNIÃO EUROPÉIA. **Recomendação da Comissão das Comunidades Europeias de 6 de maio de 2003 relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas (2003/361/CE)**. Bruxelas, L 124, p.36, 2003.

\_\_\_\_\_. **Annual Report on UE Small and Medium sized Entreprises 2011**. Rotterdam: Ecorys, 2011.

VALLADARES, L. P e PRETECEILLE, E. Favelas, favelas: unidade ou diversidade da favela carioca. In: QUEIROZ RIBEIRO, L.C. (org.). **O Futuro das Metrôpoles: desigualdades e governabilidade**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles. Ed. Revan, 2000.

VALLADARES, Licia do Prado. **A Invenção da Favela: o mito de origem a favela.com**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

VAZ, Lilian Fessler. Notas sobre o Cabeça de Porco. **Revista Rio de Janeiro**, v1, n.2, p.29-35, jan./abr.1986.

YUNUS Muhammad. **O Banqueiro dos Pobres**. São Paulo: Ática, 2008.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

## 7. APÊNDICE

## Modelo do Instrumento de Pesquisa

*Instrumento de Pesquisa*

- 1-) **Sexo:**  
 Masculino  Feminino
- 2-) **Idade:** \_\_\_\_\_
- 3-) **Estado civil:**  
 Casado(a)  Solteiro(a)  União estável  Outros
- 4) **Nacionalidade:** \_\_\_\_\_
- 5) **Estado de origem:** \_\_\_\_\_
- 6-) **Escolaridade:**  
 Nenhuma  
 Fundamental incompleto  
 Fundamental completo  
 Médio incompleto  
 Médio completo  
 Superior incompleto  
 Superior Completo  
 Pós-graduado
- 7-) **Por qual motivo o senhor(a) se tornou empresário?**  
 oportunidade em ter um negócio próprio  
 por não encontrar emprego  
 outras razões: \_\_\_\_\_
- 8-) **Há quanto tempo o (a) senhor(a) é empresário(a)?** \_\_\_\_\_
- 9-) **Onde o (a) senhor (a) obteve o dinheiro para iniciar o negócio?**  
 banco privado  familiar próximo  outro parente  um colega de trabalho  
 amigo ou vizinho  estranho com uma boa idéia  outros \_\_\_\_\_
- 10-) **Tipo de atividade:** \_\_\_\_\_
- 11-) **Quantas pessoas registradas trabalham atualmente com o Sr.(a) ?**  
 0  1  2  3  4  5  6  7  8  9  10 ou mais
- 12-) **Quantas pessoas NÃO registradas trabalham atualmente com o Sr.(a) ?**  
 0  1  2  3  4  5  6  7  8  9  10 ou mais
- 13-) **O senhor pretende aumentar o número de pessoas que trabalham com o senhor(a)?**  
 Sim  Não  Outros Motivo \_\_\_\_\_
- 14-) **Seu produto e/ou serviço é uma novidade para os seus clientes?**  
 Ninguém o considera novo  É novo para todos  É novo para alguns
- 15-) **Quando precisa de dinheiro, para quem o(a) senhor(a) pede?**  
 banco/financeira  familiar  amigo  vizinho  outros \_\_\_\_\_
- 16-) **O senhor(a) como pessoa física paga previdência social (INSS)?**  
 Sim  Não  Não sabe / recusou-se a responder
- 17-) **A sua empresa possui CNPJ?**  
 Sim  Não  Não sabe / recusou-se a responder
- 18-) **O (a) senhor(a) já realizou quantos cursos ou palestras voltados ao seu negócio?**  
 0  1  2  3  4  5  6 ou mais

*Instrumento de Pesquisa*

**19-) Em relação ao SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas),**

**o (a) senhor(a):**

- Nunca ouvi falar  
 Ouvi falar, mas não sei para que serve  
 Ouvi falar, mas nunca usei os seus serviços ou fiz seus cursos  
 Já utilizei seus serviços ou fiz seus cursos pelo menos uma vez  
 Já utilizei seus serviços ou fiz seus cursos mais de uma vez

**20-) O (a) senhor(a) tivesse oportunidade, deixaria de ser empresário (a) e passaria a trabalhar com carteira assinada, como empregado (a)?**

- Sim, certamente deixaria  
 Talvez deixaria  
 Não, certamente não deixaria

**21-) Renda do empresário (a):**

- até 3 mínimos (até R\$ 1.866,00)  
 de 3 a 6 mínimos (R\$ 1.867,00 a R\$ 3.732,00)  
 mais de 6 mínimos (mais de 3.733,00)  
 outros \_\_\_\_\_

**22-) Quanto o (a) senhor(a) gastou para iniciar o negócio? R\$ \_\_\_\_\_**

**23-) O (a) Sr(a) mora na comunidade?**

- Sim     Não     Não, mas já morei

**Agora vou ler algumas frases que o (a) senhor (a) pode ou não concordar. Para cada uma delas pediria para o(a) senhor(a) informar se concorda ou discorda.**

*Ler somente se o respondente tiver respondido à questão 23*

**24-) “Se eu tivesse oportunidade eu me mudaria com minha família da comunidade”. O senhor(a):**

- Concordo     Discordo     Muito     Pouco

**25-) “Já fui discriminado por ter minha empresa na comunidade”. O senhor(a):**

- Concordo     Discordo     Muito     Pouco

**26-) “Se eu tivesse oportunidade mudaria minha empresa para qualquer outro lugar”. O senhor(a):**

- Concordo     Discordo     Muito     Pouco

**27-) Se eu trabalhasse de empregado, minha renda seria maior”. O senhor(a):**

- Concordo     Discordo     Muito     Pouco

**28-) “A prática do dia a dia é mais importante que qualquer tipo de curso”. O senhor(a):**

- Concordo     Discordo     Muito     Pouco

**29-) “Se a empresa estivesse no centro da cidade minha renda seria maior”. O senhor(a):**

- Concordo     Discordo     Muito     Pouco

**30-) “O estudo regular (ensino fundamental, médio e superior) ajuda nos negócios”. O senhor(a):**

- Concordo     Discordo     Muito     Pouco